



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Daniel Loureiro Gomes



BELÉM – PA
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Daniel Loureiro Gomes

QUEM SOMOS NÓS HOJE?
Memes, Subjetividades e Malacos no Facebook

BELÉM-PA
2018

Daniel Loureiro Gomes

QUEM SOMOS NÓS HOJE?
Memes, Subjetividades e Malacos no Facebook

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa. Análise, Descrição e Documentação das Línguas Naturais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ivânia dos Santos Neves

BELÉM – PA
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

G633q Gomes, Daniel Loureiro.
Quem somos nós hoje? : Memes, Subjetividades e Malacos no Facebook / Daniel Loureiro Gomes. —
2018.
103 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Ivânia dos Santos Neves
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação,
Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

1. Discurso. 2. Subjetividades. 3. Memes. 4. Belém. I. Título.

CDD 401.41

Daniel Loureiro Gomes

QUEM SOMOS NÓS HOJE?
Memes, Subjetividades e Malacos no Facebook?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa. Análise, Descrição e Documentação das Línguas Naturais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ivânia dos Santos Neves

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Ivânia dos Santos Neves (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Fátima Cristina da Costa Pessoa (Membro Interno)

Prof. Dr. Nilton Milanez (Membro Externo)

BELÉM – PA
2018

Dedico e sempre dedicarei à mulher que jamais desistiu de me dar seu melhor, mesmo que eu, em muitos momentos, não merecesse. Essa vitória é sua, Fátima Loureiro.

AGRADECIMENTOS

Como minha ordem discursiva é cristã, agradeço em primeiro lugar a Deus pela oportunidade de realizar esse sonho desafiador, permitindo minha aprovação na seleção do mestrado, por todos os desafios interpostos ao longo dessa jornada, que em muitos momentos me causaram dúvidas quanto ao prosseguimento desse caminho e de minhas prioridades, culminando com os medos e angústias vividos junto à minha mãe durante seus meses de pouca saúde.

Agradeço também à Universidade Federal do Pará, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Letras pela oportunidade de desfrutar de um curso tão importante na formação de pesquisadores na Amazônia, tendo pessoas de tão vital importância para nosso universo acadêmico, nas pessoas de seus professores, coordenadores, auxiliares e secretário.

De forma singular, meus infinitos agradecimentos à minha professora e orientadora Dra. Ivânia dos Santos Neves, por ter confiado em mim mesmo sabendo de algumas de minhas não exitosas experiências acadêmicas anteriores. Além disso, pelas fascinantes aulas e leituras que permitiram, a mim, descortinar um novo olhar para o mundo a partir das lentes verticalizadas e descontínuas de Foucault, junto ao Grupo de Estudos Mediações, Discurso e Sociedades Amazônicas, seus melhores pesquisadores e parceiros de trajetória, Raimundo, Flávia, Diogo, Camille, Rodrigo, Shirley e Moisés.

Como destaque, agradeço à Cris, alguém com quem tive pouco tempo de convívio no mestrado, embora tivéssemos a mesma orientadora. Foi minha companheira de angústias na reta final, com quem dividi ansiedades, medos e tensões durante a escrita da dissertação, às vésperas da qualificação e da defesa. Vencemos essa etapa. Obrigado por todas as palavras de apoio e incentivo.

Não poderia deixar de agradecer, em particular e com muito afeto, à Professora Doutora Manuela do Corral Vieira, ou simplesmente a Manu, por todas as oportunidades incríveis de aprendizado, cobranças de artigos, leitura do texto de qualificação e partilhamento de afetos e humanidades nas disciplinas em que fui tão carinhosamente recebido por ela no PPGCom. Minhas mais profundas gratidão e admiração por todas as aulas, reuniões do CONSIA, aconselhamentos e bate-papos pelas Redes Sociais.

Agradeço ao Professor Dr. Nilton Milanez por todas as contribuições durante o processo de qualificação, as quais me fizeram rever e redimensionar as lentes das minhas análises, ampliando com humildade e paciência a pesquisa. Além disso, pela presença

inesquecível na banca de defesa e pelos momentos de muita emoção protagonizados durante o acontecimento. Meus mais sinceros agradecimentos pela ser humano incrível que pude conhecer.

Não posso deixar de agradecer também à Professora Dr.^a Fátima Pessoa pela leitura atenta, detalhada e preciosa desse trabalho, além de sua sempre solícita contribuição para a melhoria da pesquisa aqui apresentada. Obrigado por suas aulas sempre leves, descontraídas e com muitas parcerias e carinhos para com todos aqueles que tem a honra de lhe assistir em sala. Agradeço profundamente por todo o carinho, cuidado e preocupação durante um dos momentos mais difíceis de minha vida, para além de uma professora, um ser humano de afetividades.

Agradeço de forma honrosa por toda a minha formação em Letras junto à Universidade do Estado do Pará, em especial aos meus professores que, de forma única, permitiram que eu tivesse as bases mais sólidas para aceitar o desafio de ser professor. A quem dedico com muita alegria esta etapa vencida e por todos os seus incentivos. Socorro Cardoso, Jessileia Eiró, Hilton Silva, Renilda Bastos e Sérgio Sapucahy (em memória).

Aos meus amigos de trabalho e luta diários durante os 8 anos em que trabalhei na Escola Estadual Visconde de Souza Franco, por terem me ajudado a crescer profissionalmente e terem me dado a honra de trabalhar junto a profissionais tão comprometidos com a educação básica, motivo também de meu desejo por essa formação.

A todos os meus amigos que sempre torceram por mim, nas alegrias e nas tristezas, na proximidades e distâncias que o caminho solitário da pesquisa nos impõe. São e sempre serão o presente que pude escolher para enfrentar vários desafios da vida e seguir tendo forças para o desânimo, a tristeza, a angústia e a distância não comprometessem esse momento.

Dentre eles, preciso destacar o nome de José Denis de Oliveira Bezerra, meu grande amigo, que com seus passos de luta, garra e muita dedicação me deu exemplos únicos de que é preciso ter força e obstinação para vencer os desafios. Obrigado por todos os conselhos, incentivos, torcida. Minha admiração eterna a esse ser iluminado.

Agradeço também a Henrique Fernandes, que, embora não esteja mais presente em minha vida, foi incentivador fundamental para que esse momento se realizasse, uma inspiração intelectual e afetiva com quem dividi 4 anos e 7 meses de minha vida. Obrigado por me ensinar a ser melhor.

Por fim, reitero, obrigado a minha mãe, Fátima Loureiro, pela força, garra, coragem, incentivo, torcida, superação e companheirismo durante os dois anos de mestrado e os outros

trinta de minha vida. Sabemos que não foi fácil, mas aqui estamos e se há algum troféu que se ganha ao fim desta jornada, ele é seu.

[...] a doença mental foi constituída pelo conjunto do que foi dito no grupo de todos os enunciados que a nomeavam, recortavam, descreviam, explicavam, contavam seus desenvolvimentos, indicavam suas diversas correlações, julgavam-na e, eventualmente, emprestavam-lhe a palavra, articulando, em seu nome, discursos que deviam passar por seus.

Michel Foucault

RESUMO

A presente dissertação tem o objetivo de analisar discursivamente a construção de subjetividades sobre Belém do Pará. Para isso, seleciono como materialidades memes que foram publicados em páginas do Facebook, entre 1º de janeiro de 2016 e 31 de janeiro de 2018, que tematizam o estado e sua capital, demonstrando como esse sujeito constrói a si e a seus pares por meio de enunciados verbais (FOUCAULT, 2012) e visuais (COURTINE, 2011). A ancoragem teórica é realizada por meio da Análise do Discurso e utiliza os postulados filosóficos de Michel Foucault que, ao questionar “Quem somos nós hoje?”, abre espaço para a busca da compreensão de como os sujeitos se constituem ao longo de uma história descontínua. Pensando na trajetória histórica de Belém a partir do dispositivo colonial (NEVES, 2015) e de seus sujeitos silenciados, analiso processos regulares de (in)visibilização de práticas culturais diversas, que expõem a complexidade de uma Belém heterotópica (FOUCAULT, 2001), em que a periferia é parte de um processo histórico constante e ininterrupto de exclusão. No entanto, esse mesmo processo alicerçado em um jogo colonialismo interno (GONZALES CASANOVA, 2015) de poder, permite a esses sujeitos marginalizados sua resistência, investido sobre si novas formas de poder, calcadas em uma nova ordem discursiva (FOUCAULT, 2014), que se coloca, de antemão, como uma contraordem à hegemonia.

Palavras-chave: Discurso; Subjetividades; Memes; Belém.

ABSTRACT

The present dissertation aims to analyze discursively the construction of subjectivities about Belém do Pará. For this, I select as materialities memes that were published in Facebook pages, between January 1, 2016 and January 31, 2018, which thematically state and his capital, demonstrating how this subject builds himself and his peers through verbal (FOUCAULT, 2012) and visual statements (COURTINE, 2011). The theoretical anchoring is carried out through Discourse Analysis and uses the philosophical postulates of Michel Foucault who, when questioning "Who are we today?", Opens space for the search of the understanding of how the subjects are constituted throughout a discontinuous history . Considering the historical trajectory of Belém from the colonial device (NEVES, 2015) and its silenced subjects, I analyze regular processes of (in) visualization of diverse cultural practices, which expose the complexity of a Belém heterotopic (FOUCAULT, 2001), in that the periphery is part of a constant and uninterrupted historical process of exclusion. However, this same process, based on an internal colonialist game (GONZALES CASANOVA, 2015), allows these marginalized individuals their resistance, invested in themselves new forms of power, based on a new discursive order (FOUCAULT, 2014), which is placed, in advance, as a counter-claim to hegemony.

Keywords: Speech; Subjectivities; Memes; Belém.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Trollface</i>	25
Figura 2: <i>Emoji</i>	26
Figura 3: Trollface utilizado em publicação na internet.....	27
Figura 4: <i>Freddie Mercury Hage Pose</i>	28
Figura 5: Quadrinho publicado no Reddit com o meme de Freddie Mercury.....	29
Figura 6: <i>Freddie Mercury Hage Pose</i>	30
Figura 7: Sinhozinho Malta.	32
Figura 8: Trecho da campanha “Brastemp Homemenagem”	33
Figura 9: Meme “Não sou capaz de opinar”, utilizado na campanha da Brastemp	34
Figura 10: Notícia publicada no site Estadão sobre procuras no Google à palavra meme	38
Figura 11: Busca comparativa pelos termos Meme e Jesus na ferramenta Google Trends	39
Figura 12: Notícia do site G1 sobre memes produzidos durante a greve dos caminhoneiros ..	41
Figura 13: Meme da página “Paraenses na Depressão”	44
Figura 14: Meme sobre o nascimento de Belém da página Paraenses na Depressão.....	47
Figura 15: Matéria do site DOL sobre páginas de humor paraense	55
Figura 16: meme do namorado infiel da página Malaco Intelectual	57
Figura 17: meme sobre consumo de açaí da página Malaco do Bem	60
Figura 18: Matéria do Portal Gshow sobre culinária paraense.....	63
Figura 19: Perfil da página Mont4g3ns b3l3m.....	66
Figura 20: Perfil da página Busão Zueiro.....	67
Figura 21: Perfil da página Chewbacca Paraense.....	67
Figura 22: Perfil da página Paraenses no Desespero.....	68
Figura 23: Perfil da Página Paraenses no Desespero.....	68
Figura 24: Perfil da página Malaco Intelectual	71
Figura 25: Perfil da página Malaco do Bem.....	74
Figura 26: Meme sobre previsão do tempo da página Malaco do Bem	76
Figura 27: Campanha do Governo Federal	80
Figura 28: Meme sobre o consumo do açaí na página Paraenses na Depressão	81
Figura 29: Meme sobre o refrigerante “Baré” na página Malaco Intelectual.....	82
Figura 30: Embalagens de refrigerantes da marca Coca-Cola	83
Figura 31: Meme da página Paraenses no Desespero	86

Figura 32: Comentários no meme da figura 31	88
Figura 33: Meme da página M0nt4g3ns b3l3m	89
Figura 34: Comentários sobre o meme da página M0nt4g3ns b3l3m.....	90

Sumário

APRESENTAÇÃO	14
CAPÍTULO 1. QUE MEME É ESSE? UMA GENEALOGIA	20
1.1. DO GENE AO MEME: APROXIMAÇÕES E DISPERSÕES	20
1.2. COMBINANDO GESTOS E MEMES: TROLLAGEM E CONVERGÊNCIA	22
1.2.1 Era bordão e virou meme: “Tô certo ou tô errado?”	31
1.3. OS MEMES E SEUS USOS POLÍTICOS E MUDIÁTICOS	37
1.4. O MEME COMO ENUNCIADO	41
1.4.1. O enunciado visual	46
CAPÍTULO 2. BELÉM: SABERES E PODERES COLONIAIS.....	52
2.1. PARÁ, BELÉM E O COLONIALISMO INTERNO NOS MEMES	53
2.2. OS MEMES E A MÍDIA LOCAL	54
2.3. A TORCIDA DO FLAMENGO E O MACHISMO NOSSO DE CADA DIA.....	57
2.4. A RESISTÊNCIA PÓS-COLONIAL ENTRE O SABER E O SABOR	59
2.5. (RE)VIRANDO AS PÁGINAS	63
2.6. MALACO: A SUBJETIVIDADE DA PERIFERIA DE BELÉM.....	69
2.7. (CONTRA) ORDENS DISCURSIVAS: SABERES E PODERES.....	75
2.8. O CORPO COMO INSCRIÇÃO HETEROTÓPICA	85
CONSIDERAÇÕES... FINAIS?	94
REFERÊNCIAS	102

APRESENTAÇÃO

DO ESTRANHAMENTO DISCURSIVO AO DISPOSITIVO COLONIAL INTERNO

Minha primeira experiência com o Mestrado, situada nas minhas memórias de 2009, logo após sair da graduação, permitiram que eu conhecesse uma nova forma de análise de linguagens, a de interações verbais situadas no espaço virtual. Naquele momento, Orkut e MSN eram legitimamente os lugares em que poderíamos produzir imagens de nós mesmos, de dialogar online com pessoas distantes, de criar grupos de discussão e de participar de comunidades das mais variadas temáticas.

Naquele mesmo ano entrava em vigor uma nova Matriz de Referência para o Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM, no qual chamava a minha atenção a expressão Tecnologias da Informação e Comunicação. Vi nisso um espaço muito produtivo para pensar naquelas novas formas de interação mediadas pelo computador, meu papel de professor estava alinhado a um desejo forte de expandir conhecimentos sobre esse mundo digital.

Mas ainda não era o momento de concretizar academicamente essa futura paixão. Foi apenas em março de 2016 que comecei a esquadrihar uma nova perspectiva daquele interesse do passado, percebendo que um novo tipo de textualidade ganhava espaço e corpo nas redes sociais na internet, agora dominadas por Facebook, Instagram, Twitter e WhatsApp. Nessas redes circulavam então, e com muita produtividade, memes que saltavam aos olhos pela originalidade, humor, sagacidade e, de forma singular, formas de representar a sociedade. Ao me deparar especificamente com um meme publicado em uma página que assume a identidade de um sujeito paraense no Facebook, enxerguei algo para além desse efeito humorístico, havia ali um conjunto de práticas discursivas, entendidas aqui como

... um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2012, p. 144)

O que implica compreender que essa prática está relacionada a condições específicas de enunciabilidade, permitindo que algo seja discursivizado e compreendido num dado momento da história, em virtude de fatores externos à língua. Nesse momento, recordo especificamente do meme em que um homem, que num determinado espaço público conhecido por suas festas em Belém, se comporta como heterossexual e em outro, frequentado pelo público LGBTQ, mantinha carícias e afetos com outro homem. A compreensão discursiva desse

enunciado só é permitida pela imersão nas condições de possibilidade de dizer, na conjuntura social e histórica em que pode ser dito.

Tudo isso, usando como imagem duas obras da TV Globo em que o mesmo ator interpretava personagens de comportamentos sexuais distintos. Nascia então minha curiosidade por estudar que representação (essa era meu conceito seminal) de Belém se propagava pelas páginas. Vasculhando algumas, passei a perceber uma espécie de regularidade, de informações constantes sobre aquela Belém que se costurava na *web*, uma Belém de faces múltiplas, de lugares diferentes e aos quais nem todos tinham acesso da mesma forma. Mal sabia que estava diante daquilo que Foucault (2013) denominou de Heterotopia, um conceito que me permitiu enxergar uma cidade tão plural em seu presente e tão singular quanto ao seu processo histórico de fundação, um território informacional capaz de me conduzir a tantas formas de discursos e informações.

O território informacional cria um lugar, dependente dos espaços físico e eletrônico a que ele se vincula. O território informacional é assim como o circo ou o navio (a heterotopia por excelência para Michel Foucault), criando lugares mesmo estando ou passando por diferentes espaços. O lugar se configura por atividades sociais que criam pertencimentos (simbólico, econômico, afetivo, informacional). (LEMOS, 2007, pp. 14-15)

Passei a monitorar por conta própria algumas dessas páginas que atualizam a capital paraense e vi que realmente ali, Belém, sua periferia, seu açaí, suas obras interminavelmente inacabadas, sua péssima infraestrutura, suas desigualdades sociais, sua violência e todos aqueles que a constituem estava sendo subjetivados. Passei então a vislumbrar teoricamente, na condição de ouvinte da disciplina Discurso e Identidades, ministrada pela profa. Dra. Ivânia Neves, as possibilidades de pensar essa nova e desafiadora materialidade discursiva, o meme, como produção social de sentidos e de que forma ele se estabelece como memória histórica de nós mesmos, sujeitos de Belém.

“Quem somos nós hoje?” (1995) é um célebre questionamento elaborado pelo filósofo francês Michel Foucault para pensar na constituição histórica dos sujeitos sociais e em como as relações de saber e poder se constituem no decurso de uma história que não é linear, mas descontínua, que permite, diante de certas condições de possibilidades, a visibilidade e a invisibilidade dos discursos. A questão fundada em Kant (1784) permite um olhar sobre o presente ao questionar algo como “o que está acontecendo neste momento?”, no entanto, meu olhar, pelas lentes de Foucault, recobre uma historicidade para delinear esse presente, uma vez que tal presente é resultado de um passado, no qual todos nós nos constituímos não mais como indivíduos, mas como sujeitos viesados pelo exercício pleno do poder em sociedade.

Responder à questão inicial é uma tarefa complexa, uma vez que esse presente, essa atualidade não é apenas uma época, mas o diagnóstico de uma diferença com o passado, sua constituição de atualidade única, forjada por mecanismos de repetição e semelhança, ou seja, “Interrogar o presente em termos de diferença define, para Foucault, a atitude da Modernidade” (CASTRO, 2016, p. 107).

Desse ponto de vista da atualidade, pensar o sujeito historicamente constituído demonstra sua construção dentro de processos de relações de poder, que o fazem divergir da noção de indivíduo, uma vez que as visões abstracionista e econômicas clássicas permitem uma visão administrativa desse sujeito, tal como no marxismo. O que interessa aqui é esse sujeito como parte de relações cotidianas, no presente, cuja legitimidade se assume na luta do poder. Mas de que poder falo aqui? Na verdade, este trabalho não investiga o poder em si, mas suas formas de atualização por meio dos discursos produzidos, repetidos, compartilhados em redes sociais, a maneira como os memes são formas de poder e resistência a uma ordem social instituída a partir do processo de colonização de Belém, uma forma de poder, pois

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a. (FOUCAULT, 1995, p. 235)

Dessa forma, pensar Belém e seus sujeitos é observar as dobras dessa história que se arregimenta e se atualiza por meio da luta entre o poder e a resistência, permitindo que seus enunciados sejam enunciados e compreendidos num instante presente, o que me coloca também diante da questão do saber, pois nesse ato de enunciar revelam-se modos de experienciar, de ser parte de nó histórico que torna o indivíduo em “nós”, um coletivo, no qual se fortalecem as práticas de poder. Por isso a importância não de estudar o poder em si, mas as formas institucionalizadas e de resistência a esse poder, pois é necessário compreender as condutas e os procedimentos que permeiam essa constituição subjetiva, “Ou seja, procurei colocar a questão da norma de comportamento primeiramente em termos de poder, e de poder que se exerce, e analisar esse poder que se exerce como um campo de procedimentos de governo.” (FOUCAULT, 2010, p. 6).

Foi então que visualizei a periferia de Belém sendo ouvida e vista, naquela outra heterotopia, a *web* (GREGOLIN, 2015), havia um espaço de audibilidade para aqueles que socialmente são negligenciados. Minhas questões passam a ser aguçadas pela aquiescência ou

não daqueles que participam das redes sociais, pois curtem, comentam e compartilham memes que legitimam a participação interativa como forma de um trabalho de construção de faces (RECUERO, 2017), evidenciando o posicionamento desses sujeitos, num duelo que se trava a partir do reconhecimento de que há poderes institucionalmente legitimados, que estão dispersos pela sociedade e que discursivizam sobre um presente específico, um recorte da história desse conjunto plural que é a sociedade.

Aprovado no mestrado, iniciei mergulhos profundos para elaborar uma análise dos discursos produzidos em memes que circulam no Facebook, em páginas voltadas para o sujeito de Belém e suas práticas culturais. Estavam ali, marcados como um arquivo singular de uma história iniciada pela colonização europeia em nossa cidade, uma série de características que demonstravam como somos enunciados por imagens e palavras que atravessam nossa história, nossos espaços, nossos corpos, nossos alimentos, nossa sociedade. Naquelas páginas, apenas quatro no início, eu enxergava uma Belém da qual eu mesmo não tinha conhecimento, embora seja nascido e criado na capital paraense.

Ali havia um recorte de Belém que era único, pensado em um nível imediato de um presente fotografado em *zoom* e que me colocava fatalmente diante de uma construção histórica de relações poder e saber sobre o paraense. A linha desse discurso se concretiza no meme como um corpo que, construído sob certas condições, irrompe como um significado deslocado, um sentido que se cristaliza e acaba por determinar novas enunciações, novos atos do dizer.

Essa irrupção do “novo”, que tanto Foucault quanto Deleuze chamam igualmente de “acontecimento”, torna-se, assim, o que caracteriza a atualidade. O presente, definido por sua continuidade histórica, não é, ao contrário, interrompido por nenhum acontecimento: ele pode somente oscilar e se romper dando lugar à instalação de um novo presente. (REVEL, 2005, p. 21).

É nesse presente que preciso definir muito bem meu lugar de fala como pesquisador e experienciador dessa Belém, que se construiu a partir de um conjunto de práticas que me permitem enxergar uma cidade diferente daquele que me lê neste momento. Na condição de pesquisador, minha formação se deu em universidades públicas, vindo de uma educação básica integral em escolas públicas (semelhantes ao meu trabalho junto à Secretaria de Estado de Educação e diferente dos cursos pré-vestibular nos quais passei a trabalhar há pouco tempo), cujo padrão socioeconômico e outras circunstâncias não me colocam nem como alguém da periferia, nem como alguém do centro. Sou professor de escola pública e durante oito anos convivi com alunos oriundos da periferia de Belém, que me demonstravam suas particularidades sociais e culturais, suas formas de falar, suas práticas comuns de festas e finais

de semana de diversão, são padrões de vida em meio à violência, a andar de ônibus, a buscar uma vaga na universidade, no caso daqueles que cursavam a 3ª série do ensino médio, e que me permitiam visualizar uma Belém diferente da minha.

Em outro momento, desde março de 2017, passei a ministrar aula em cursos preparatórios para o ENEM, onde passei a interagir com outro público, mais próximo da elite, com um padrão e acesso culturais diferentes dos outros, seus iPhones, seus carros que lhes buscavam na porta do curso, suas formas de vestir, de falar, de interagir por redes sociais com fotos em vários lugares do Brasil e do mundo me permitiram visualizar, também, uma Belém diferente da minha.

Portanto, estou nesse lugar de atravessamentos, numa das diversas fronteiras possíveis, a fronteira social entre os jovens da periferia e os da elite do centro, como pesquisador que busca lançar um olhar plural sobre as pluralidades de Belém, a partir dos memes publicados nas páginas Malaco Intelectual, Malaco do Bem, M0nt4g3ns b3l3m, Paraenses na Depressão e Paraenses no Desespero. Meu recorte específico situa-se entre os 1º de janeiro de 2016 e 31 de janeiro 2018, mais precisamente. Tal escolha justifica-se pela comemoração, em 2016, dos 400 anos de fundação da cidade, um acontecimento (FOUCAULT, 2012) da atualidade no qual ficam evidentes essas relações de poder sobre a cidade, uma vez que o símbolo da capital aniversariante é o mercado de ferro do Ver-o-Peso, lugar de vital importância para a constituição histórica de Belém e de seus sujeitos durante a ascensão da borracha e da chamada *Belle Époque*, uma espécie de auge do processo de colonização da capital.

Diante de tantas possibilidades, de tantas histórias, de tantos sujeitos, de tantas memórias, de tantas “Beléns” os memes insurgem como materialidade discursiva que permitem a visibilidade de sujeitos muito particulares, que articulam-se pela cidade de formas tão dispersas, mas que permitem olhá-las a partir de suas regularidades. Não penso aqui o meme como objeto de análise, não me restrinjo a percebê-lo como fim, e sim como um registro histórico da atualidade, mais que um documento que registra um passado, um monumento que cumpre uma função enunciativa que permite constituir uma série de acontecimentos de distintas naturezas, durações e cronologias, tecendo uma rede de relações discursivas (FOUCAULT, 2012) que constitui os sujeitos de Belém. Busco analisar os discursos, a produção social de sentidos que estão envolvidos nesses enunciados tão ricos e tão atuais, uma vez que comprovam esse momento da convergência cultural (JENKINS, 2009).

Portanto, meu objetivo com este trabalho é analisar discursivamente a produção de subjetividades sobre a cidade de Belém, tendo em vista a pluralidade histórica e cultural dessa

cidade que, construída sob uma história de múltiplos sujeitos, permite-nos hoje, a partir das diferentes vozes visibilizadas pelas redes sociais, enxergar o quanto seus sujeitos se diferem e se materializam em enunciados verbais e visuais publicados em memes no Facebook. Meu percurso metodológico está baseado na arqueologia foucaultiana, em que a observação de regularidades e dispersões históricas são enunciadas por palavras, expressões e imagens como forma de reinscrever memórias, manter relações de poder e ensinar resistências. Adianto que essa definição não vai pronta, será construída a partir das análises produzidas ao longo do trabalho para demonstrar como o conceito é passível de uma produção analítica e de acordo com a materialidade aqui analisada.

Para isso, o primeiro capítulo realiza um percurso teórico que permite entender as origens do meme, suas funções sociais na atualidade, como enunciado e que tem uma atualidade no presente a partir de um ordem discursiva, seu papel na sociedade da comunicação, seu valor enquanto enunciado de diferentes linguagens, enfim. Uma busca pela compreensão do fenômeno, que me faz perguntar até agora “Que meme é esse que?” que está um arraso dentro e fora da internet? Pensando em sua genealogia, sua busca comunicativa e discursiva como faces de um mesmo fenômeno cultural.

No segundo capítulo, me permito adentrar uma Belém plural, na qual entram em cena as páginas que pesquisei em maior ou menor grau, espaços singulares de constituição de subjetividades e que se traduzem pela efetiva participação dos usuários da internet. A peça fundamental está amparada na compreensão do dispositivo colonial (NEVES, 2015) e de como ele arregimenta a permanência de um colonialismo interno (GONZALES CASANOVA, 2015) quando olhamos para as relações Brasil-Pará, Capital-Interior e Centro-Periferia. Nessas relações históricas de saber e poder, os sujeitos são determinados e determinam diferentes enunciações por meio dos memes. Dessa forma, sigo em busca de alguma compreensão sobre essas “Beléns”.

CAPÍTULO 1

QUE MEME É ESSE? UMA GENEALOGIA

Neste primeiro capítulo, apresento algumas considerações sobre o meme, a origem do termo (DAWKINS, 1976), as motivações que me fazem inscrevê-lo como um fenômeno comunicativo a partir da perspectiva da Convergência Cultural (JENKINS, 2009) e como um enunciado na perspectiva discursiva (FOUCAULT, 2012).

Meu objetivo é salientar algumas de suas plurais características para a análise discursiva pretendida no trabalho, dando maior relevância a aspectos sociais, históricos e políticos, adentrando sua materialidade enunciativa. Aqui, proponho a visibilização de um teor para além do humorístico, mas como um monumento histórico que cumpre uma função a partir de condições de possibilidade históricas (FOUCAULT, 2012).

1.1. Do gene ao meme: aproximações e dispersões

Ao discorrer sobre evolução, o biológico Richard Dawkins, em seu livro *O gene egoísta* (2007), estabelece uma analogia metafórica acerca de nossas heranças culturais. Da mesma forma como transmitimos genes, características biológicas, somos capazes de perpetuar traços da cultura, por meio de ideias, vestuários, métodos e técnicas, palavras. Assim, o autor evidencia que nossa capacidade de propagação está para além do biológico, somos capazes de nos reproduzir por meio de práticas, comportamentos e ações que nos permitem deixar heranças sociais.

Para conceituar seu pensamento, Dawkins cunha o termo meme como forma de pensar uma unidade mínima cultural, da mesma forma que o gene é a unidade mínima biológica. A partir de reflexões sobre os comportamentos animais e humanos, ele compreende que há a necessidade de entender as replicações culturais, como forma de ampliar a visão sobre a evolução humana, as quais são muito mais rápidas e dinâmicas que as replicações genéticas, uma vez que “pulam” de cérebro em cérebro.

O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como "gene". Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada à "memória", ou à palavra francesa *même*. (DAWKINS, 2007, p. 196)

O que se observa é que Dawkins cria um meme, uma ideia que passa a ser replicada no decurso da história e está aqui em discussão e por tantos outros trabalhos que se dedicam ao fenómeno meme. Para além dessa denominação, uma consideração salutar para a nossa discussão se dá em virtude da consideração do autor de que os memes seriam entidades vivas, como ao afirmar que “se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, a si própria, espalhando-se de cérebro em cérebro” (DAWKINS, 1976, p. 196).

Tal afirmação nos coloca diante de uma grande problemática, a partir de nossa perspectiva de análise, uma vez que se toma o sujeito de forma passiva, como aquele que servirá de *locus* reprodutivo do meme, sem nenhum tipo de ação subjetiva acerca da propagação dessas ideias. Nesse sentido, é preciso questionar tal lógica, pelo fato de que ela expõe um problema para nossa abordagem metodológica posterior. Assim como Dawkins, Susan Blackmore, em sua obra *La maquina de los memes*, afirma

Los memes son replicantes y se reproducen siempre que encuentran la oportunidad. Los mecanismos imitativos de la mente son un caldo de cultivo excelente para copiar tonadas. Si una de ellas consigue ser tan popular como para que se incruste em um cérebro y posteriormente transmitirse a outro, lo hará. Si resulte ser extremadamente popular, cantable, recordable, silbable, tiene muchas probabilidades de transmitirse a muchos cerebros. (BLACKMORE, 2000, p. 96)

A afirmação de que os memes “se reproduzem sempre que encontram a oportunidade” denota vontade própria, imprimindo voluntariedade ao memes em favor de sua propagação, como um procedimento discursivo de distribuição que salienta o carácter estratégico da sociedade do discurso (FOUCAULT, 2014). Ora, vejo claramente a possibilidade de refletir sobre tal formulação, uma vez que são as condições de possibilidades históricas que permitem tal replicação. Exemplificando, um bom enunciado verbal de efeito precisa chamar atenção daquele que a ouve para poder repeti-la, o enunciado isolado, não terá capacidade sozinho de se auto reproduzir, precisa de alguém que a deseje propagar, por uma identificação pessoal, social, emocional, nos seus mais diferentes modos de enunciar o meme.

Assim, a crítica à tentativa de elaboração de uma ciência denominada pela autora de Memética se dá, dentre outros fatores, por essa autonomia que os memes teriam para se copiar, uma imitação no sentido estrito da palavra, uma vez que tal cópia corresponderia a uma cópia exata de um padrão. (LEAL-TOLEDO, 2013). A análise dos memes se proporia pelo prisma deles próprios, de sua vontade de se alocar, reproduzir pulando de cérebro em cérebro, seu mero ambiente de reprodução, como num voluntarismo mecanicista de imitação que permite

reproduzir infinitamente algo em busca de uma perfeição, como demonstrado por Walter Benjamin (1936) em processos artísticos, nos quais a xilogravura, a imprensa, a litografia, o som, etc. buscavam seus aperfeiçoamentos e atingiu um acelerado processo de desenvolvimento, ao falar da reprodutibilidade técnica. Dessa forma, o olhar sobre os memes parece algo naturalmente mecânico, como um artifício estático que meramente busca um modelo de reprodução.

Os memes, no entanto, em minha análise, são parte de um conjunto comunicativo e discursivo que permite enxergar como nos constituímos social e historicamente a partir de compartilhamentos em redes online. Dessa forma, o termo utilizado genericamente para se referir às unidades de transmissão cultural é criado e passa a servir como ponto de partida para compreender melhor nossa materialidade de análise. Aqui, especificamente, trabalharemos com os memes produzidos dentro de espaços virtuais como o Facebook, tendo como constituição enunciados de natureza verbal e visual. O que descortina a possibilidade de vê-los não como técnicas de produção, mas como acontecimentos do discurso, uma vez que ele irrompe uma singularidade de enunciação, um dizer particular e que emerge dentro de uma série de outros acontecimentos históricos que permitem, num dado momento, esse discurso ser dito e não outro. Como aponta Revel (2005), “A acontecimentalização da história da história deve, portanto, se prolongar de maneira genealógica por uma acontecimentalização de nossa própria atualidade”.

1.2. Combinando gestos e memes: trollagem e convergência

Pensar a web como um espaço de interação implica considerá-la a partir do uso de linguagens próprias, estruturas enunciativas que emergem em um ambiente cada vez mais diversificado, em que diferentes formas de dizer se constituem em um incessante hibridismo com formas de linguagem externas ao espaço virtual. Dentro dessa emergência de textos, vieram e-mails, bate-papos, blogs e seus desdobramentos em fotologs e vlogs, que retomam cartas, conversas, diários, etc. por meio de enunciados complexos, numa conjunção entre visual, verbal e sonoro, quando comparados aos enunciados que circulam fora do ambiente digital.

Com uma rede de conexões entre usuários, era possível então constituir espaços específicos para interagir, trocar mensagens, tornar públicas ideias até então particulares, dizer e “ouvir” a muitos. A internet passava a ser multilateral, permitindo que seus usuários deixassem o lugar de meros espectadores e se tornassem produtores de conteúdo. Na esteira dessas inovações, surgem as redes sociais na internet (Recuero, 2009), pensadas como sistemas que permitem a criação de um perfil social, a partir do qual se podem fazer exposições públicas

e comentários. No entanto, aqui, entendo esses espaços para além do caráter sistêmico, uma vez que é no aspecto social e interacional pela linguagem que se instituem práticas discursivas.

Nesse sentido, o meme é um fenômeno comunicativo e discursivo, uma vez que a partir dele tecem-se redes de contato e transformam-se outros meios de comunicação tradicionais, como a tv e o jornal impresso. O que nos coloca diante de algo que está além do espaço virtual de um site de relacionamento, o que vemos é a materialização dessa herança cultural atravessando as diversas comunicações cotidianas, das conversas orais informais à grande mídia jornalística. Um fenômeno que, se não nasce nela, legitima a cultura ciber como uma face altamente produtiva de nossos modos de enunciar a si e ao Outro, o que remete ao fato de se pensar nela não apenas sob o viés tecnológico, mas, sobretudo, do ponto de vista discursivo.

A internet se apropria cada vez mais das linguagens do jornalismo, do entretenimento e das publicidades por meio de transformações e ressignificações de enunciados verbais e visuais, como técnicas de escrita e reinvenção dos sujeitos, proporcionando, assim, uma reescrita de si e de sua historicidade estética que compreende uma prática singular de existência no mundo dos discursos circulantes nas mais diversas esferas sociais, o que configura uma convergência de culturas (JENKINS, 2009). O fenômeno comunicativo do meme é a legitimação da mudança de papel do telespectador mais passivo para o de produtor ativo das comunicações de massa, lugar este oportunizado pelo acesso cada vez maior de usuários comuns à internet e a dispositivos capazes de manipular tais linguagens. Basta assistir TV digital ao vivo pelo celular, tirar um *print* da cena, editar em um aplicativo de celular, colocar um enunciado verbal, e pronto, uma nova forma comunicativa se faz viva.

É preciso, contudo, entender como esse fenômeno começou a se popularizar, a fazer parte do cotidiano de nossas interações mediadas pelo computador, a viralizar como conteúdo comunicativo. O que se sabe é que foi durante um festival de conteúdos virais criado pelo centro de pesquisas *Contagious Media* que o termo cunhado por Dawkins foi lembrado pelos participantes, associando esses elementos a tudo aquilo que se espalha pela rede, sendo transmitido, repassado, como um vírus, daí o termo viralizar para designar essas ocorrências. Esse contágio, essa vontade de espalhar, de tornar viral é, em essência, o desejo pelo excesso, a expressividade maior de fazer ver e ser visto, uma vez que, ao publicar, compartilhar, ser curtido e comentado, o sujeito se vê como foco desse desejo viral, pois a viralização foge ao controle, perde-se das mãos daquele que o inicia e se realiza na intemperança dos discursos que, pela rede *online*, o torna matriz desse desejo de reproduzir. É o desejo pela quantidade em

exacerbação, o prazer de se colocar à frente no ato de falar de si e ser falado, como quando Foucault explica sobre a saciação dos prazeres desde Aristóteles em *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*:

... para os desejos naturais que são comuns a todos, as únicas faltas que se possa cometer, explica Aristóteles, são da ordem da quantidade: elas concernem ao "mais" (*to pleion*); ao passo que o desejo natural consiste somente em satisfazer a necessidade, "beber e comer não importa o quê até ficar supersaturado é ultrapassar em quantidade (*tōi plēthēi*) o que a natureza demanda. (FOUCAULT, 2007, p.43).

Viralizar é uma capacidade dos memes e um desejo dos sujeitos, cuja satisfação encontra-se na proliferação daquilo que é publicado. E quanto mais melhor, ser curtido, comentado, compartilhado é o efeito buscado quando se enuncia em espaços digitais, diante dessa grande audiência que se cria a partir de vínculos de amizade e de seguir, gerando um desejo de saciedade, essa sensação de excesso e descontrole que afirma o sujeito sobre si e sobre o outro. A ideia de viralizar aqui entendida é a de que qualquer conteúdo, após ser publicado, passe a ser compartilhado, replicado por outros sujeitos da rede. O repetir é aqui não é a mecanicidade do igual, mas o de enunciar de novo, de outros modos, em outras condições, dentro de uma resignificação do dizer.

Dessa forma, os conteúdos atingem visualizações cada vez maiores, em progressões aritméticas e geométricas, multilíneas por excelência. À priori, o viral é um conteúdo de caráter humorístico, já que a tendência ao humor é muito comum nessas publicações de redes sociais na internet, no entanto, notícias, clipes musicais, campanhas publicitárias e outras linguagens, desde que chamem atenção do público, tornam-se potenciais virais. Esse entrecruzar de formas comunicativas evidencia que nossa cultura passa por transformações que vão além da invenção, acesso e uso de novas tecnologias, pois estamos imersos em novas práticas que mostram a convergência de culturas.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (JENKINS, 2009, p. 29)

As linguagens não estão mais isoladas, segmentadas. Agora, o rádio, a televisão, o jornal, a fotografia, o entretenimento estão convivendo nessa cultura ciber, num espaço virtual que transformou os espectadores em produtores e co-produtores de mídias. Dentre tantas linguagens possíveis, este trabalho se debruça sobre os memes como uma linguagem complexa

criada a partir da junção de elementos visuais e verbais para compor sentidos, embora variadas estruturas sejam possíveis para esse texto.

Por outro olhar, a convergência pode ser encarada como uma prática discursiva, que

é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2012, p. 144)

Essas novas condições de enunciar demonstram que a convergência é uma prática discursiva que está sob condições específicas de exercício do discurso. É pensar que o presente é parte desse aparato discursivo que permite ao discurso ser dito de forma viral, excessiva, compartilhada, induzindo o sujeito à prática da convergência desses discursos, pois eles dizem sobre si e sobre o outro como modo particular no tempo e no espaço. É preciso estar aberto ao desejo de reproduzir para que se sensibilize à emergência desses acontecimentos, seja encarando-os como comunicativos ou discursivos.

Um dos primeiros exemplos de memes como práticas discursivas situadas no tempo e no espaço são os chamados trollfaces (Figura 1), expressões faciais que indicam algum tipo de brincadeira jocosa e debochada sobre uma situação. Ficaram famosos e viralizaram em virtude de externalizarem sensações de forma extremada, diferente dos *emojis* (Figura 2) trazidos pelas primeiras plataformas de conversas instantâneas em computador.



Figura 1: *Trollface*¹

¹ Fonte: <http://knowyourmeme.com>



Figura 2: *Emoji*²

A visualidade corporal é constituída pelo rosto, pelo jogo expressivo facial que sugere a identidade do sujeito. Da mesma forma como é o rosto no RG e no perfil das redes sociais *online*, aqui entra o pertencimento por meio da identidade. O sujeito se enxerga, se concretiza, se materializa digitalmente como parte desse conjunto discursivo, enfim seu corpo é validade por dados e lhe dá o tom de sentimentalidades. O corpo existe, o sujeito existe e ao discurso pertencem, pois agora provém de um mesmo tronco de grupo, todos os sujeitos se reconhecem e, por características gerais, o coletivo se sobrepõe ao indivíduo. (FOUCAULT, 2015, p. 64)

Embora ambos revelem expressões faciais, foi o tom debochado e exagerado com linhas mais próximas às feições humanas que permitiu que o *trollface*³ ganhasse popularidade e se tornasse um meme. Algo que foi compartilhado, replicado entre os usuários da rede desde seu surgimento em 2008, quando foi criado por Carlos Ramirez⁴, e passou a integrar publicações e comentários em redes sociais, tendo até mesmo uma página no site Facebook⁵ destinada a esse tipo de viral. Suas ocorrências estão ligadas a brincadeiras e respostas que fazem graça com alguém em situações diversas, como conversas ou brincadeiras.

Sua versatilidade é grande e permite que apareça tanto isolado quanto junto a outros textos, gerando sobre ele um teor humorístico singular e que remonta à trollagem, à pegadinha com alguém de quem se pretende zombar. Na construção abaixo (Figura 3), cria-se a ocasião de trollar alguém ao tentar usar um sabonete coberto de esmalte base, o que impedia que o efeito espumante do sabonete fosse atingido. Na borda inferior direta do “tutorial de trollagem”, aparece o *trollface* indicando o conteúdo jocoso e debochado da publicação e dos efeitos pretendidos com a brincadeira.

² Fonte: <https://www.elo7.com.br>

³ *Trollface* designa uma expressão facial de trollagem, ou seja, um deboche, um sarcasmo produzido sobre algo ou alguém com sentido provocativo.

⁴ Fonte: <http://knowyourmeme.com/memes/trollface-coolface-problem>

⁵ Fonte: <https://www.facebook.com/Trollface-116616581692281/>. A página conta com 737.270 seguidores na data de 14 de maio de 2018.



Figura 3: Trollface utilizado em publicação na internet⁶

Outras formas de memes são encontradas como espécies de rascunhos de uma foto de alguma figura famosa, em que a imagem da televisão ou foto permite a recriação por meio de um desenho, gerando assim um meme capaz de viralizar. Esse tipo de texto buscava expressar diversos tipos de reações e situações específicas de interação, como quando se comemora algo e se usa o meme produzido a partir de uma foto do cantor Freddie Mercury (Figura 4).

⁶ Fonte: <http://www.museudememes.com.br/sermons/troll/>

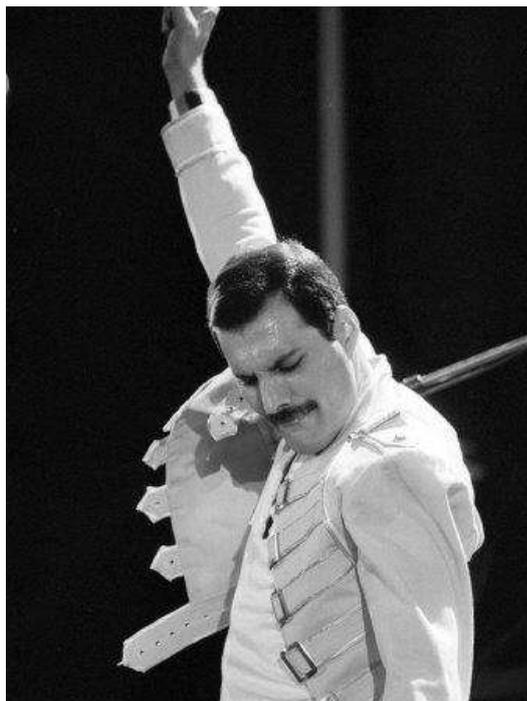


Figura 4: Freddie Mercury Hage Pose⁷

A imagem original data de 1986, quando a banda musical Queen se apresentou em Newcastle, nos Estados Unidos. Presente em um vídeo e também em um livro oficial da banda, a figura de Freddie Mercury com o braço levantado foi reproduzida como forma de desenho, e ganhou aplicações. A primeira delas foi a publicação, em 19 de julho de 2011 no Reddit⁸, de um quadrinho (Figura 5) produzido por um usuário que colocou a imagem de Freddie comemorando, ao final da investida sobre a atendente da lanchonete, uma vez que ela lhe retribui a atenção enviando a mensagem para o celular dele.

Foi aquele único instante, aquele momento de exaltação, de alegria, de vitória do cotidiano que se instaurou como figura do presente. Desde a imagem do show, os desdobramentos iniciaram e permitiram que houvesse sua atualização, sua permanência capaz de dizer quem de fato somos nós diante da vitória, da alegria e da conquista. A esse caráter de prolongamento da história no presente é que deu o nome de *Atualidade* (REVEL, 2005, p. 21)

⁷ Fonte: <http://knowyourmeme.com/memes/freddie-mercury-rage-pose>

⁸ <https://www.reddit.com/>. É um site de produção de mídias de conteúdo da web feita pelos próprios usuários. Cada publicação recebe votos e comentários e, assim, ganha ou perde colocações.



Figura 5: Quadrinho publicado no Reddit com o meme de Freddie Mercury⁹

⁹ Fonte: <http://knowyourmeme.com/photos/161849-freddie-mercury-rage-pose>

A partir de então as replicações fizeram com que o meme de Freddie Mercury viralizasse, tendo 6.198 votos e repercutindo amplamente, propagando-se de acordo com a identificação entre seu conteúdo e as situações de interação dos usuários na internet. Aquilo a que Foucault chama de repetição disfarçada demonstra a capacidade discursiva assumida por esse meme, pois não há nada de novo no que é dito, mas sim em seus acontecimentos envolvidos, o mero ato de repetir não existe, pois há um novo acontecimento em cena, essa repetição atualiza o ponto de partida e enseja sobre ele um comentário que lhe permite dizer além do texto mesmo (FOUCAULT, 2014).

Em outros contextos, esse meme é colocado quando o usuário intenta indicar algum tipo de vitória, como a formatura (Figura 6), a conquista de alguém, etc. O que se observa é que internet, televisão e livros impressos dialogam, seus conteúdos não estão mais isolados, a produção ativa de conteúdos pelos usuários é marca dessa convergência de culturas que estabelece novas fronteiras, ou quem sabe as destitui, entre linguagens até então seccionadas.



Figura 6: Freddie Mercury Hage Pose¹⁰

Segundo Jenkins, isso é uma das características desse momento de convergências, no qual a participação daqueles que eram expectadores se tornou fundamental para a insurgência de novos paradigmas de comportamentos midiáticos.

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. (JENKINS, 2009, p. 30)

¹⁰ Fonte: <http://knowyourmeme.com/photos/321818-freddie-mercury-rage-pose>

Essa cultura participativa determina que o sujeito se constitua como um sujeito digital, uma vez que sua efetiva visibilidade depende da sua materialização no ambiente virtual. Sendo assim, esse sujeito digital precisa assumir o controle do discurso para que se materialize, se construa, se discursivize. A partir da consideração de que a produção dos discursos é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída” (FOUCAULT, 2014) e que a participação desses sujeitos se dá por uma repetição disfarçada, entendemos aqui que o uso desses enunciados visuais são fomentadas por estratégias que ratificam o poder desse sujeito ao manipular imagens segundo condições específicas de (re)produção.

Isso nos aponta para o fato significativo de compreender que a espacialidade visual tem em seu terreno movediço a constituição de uma topologia de táticas, estratégias de funcionamento para a circulação de informações, noções e discursos que administram os procedimentos do território discursivo-digital. (MILANEZ; PRATA, 2015, p. 49)

Os limites dessa relação ainda são imprecisos, é preciso considerar que cada participante dessa estrutura tem diferentes experiências e graus de imersão. Um usuário produtor de memes que viralizam não pode ser visto da mesma forma como aquele que os compartilha e participa ativamente de discussões na internet sobre seus efeitos de sentido. No entanto, não é essa perspectiva de diferenciação que nos interessa, aqui cabe compreender o fenômeno dos memes como materialidades da linguagem historicamente construídas, parte de práticas discursivas contemporâneas que marcam novas formas de interação, tendo na *web* seu principal espaço de disseminação, entre usuários cooperativos na produção e circulação deles.

1.2.1 Era bordão e virou meme: “Tô certo ou tô errado?”

Uma das compreensões essenciais para o estudo sobre os memes é sua capacidade viral, o que o torna efetivamente um potencial sucesso. Nos dizeres de Rossini (2014, p. 15), “Um viral bem sucedido é aquele que ‘pega’, ou melhor, que não seja apenas compartilhado, mas também reproduzido, modificado e adaptado para diferentes ocasiões, tornando-se uma espécie de jargão.”, o que nos permite observar que o sucesso não depende apenas do meme, mas da forma como ele pode ser adaptado pelos usuários e se ressignificar em diferentes contextos. Dessa forma, muito antes da internet, é possível verificar a influência de memes em nossa cultura, presentes em telenovelas, filmes e campanhas publicitárias.

No Brasil, depois do estrondo sucesso deste enunciado nas telas da TV Globo, a pergunta “Tô certo ou tô errado?” acompanhada ou não por gestos corporais, se inscreveu em

nossas conversas cotidianas. Esse bordão, aqui considerado um meme por suas características de replicação e viralização, fez parte da telenovela Roque Santeiro (1985) e foi corporificado pelo personagem Sinhozinho Malta (Figura 7), interpretado pelo ator Lima Duarte que, ao balançar seu relógio de pulso, imediatamente o som de um chocalho era acionado e produzia um efeito de poder em relação ao que afirmava.



Figura 7: Sinhozinho Malta.¹¹

Vemos então que língua e imagem se consolidam como formas de constituição enunciativa, ao dizer em momentos específicos e consolidarem uma significação cristalizada, esse bordão não é regido apenas por uma memória da língua, mas da imagem também, pois

... há um trabalho discursivo essencialmente com a língua que pode, certamente, ser deslocado para se pensar a imagem. Opto, claro, pelo conhecimento que pode ser deslizado de seus lugares comuns, mas insisto que eles acabam sendo um paliativo e, por vezes, vão aumentando as rupturas entre o objeto e seu funcionamento se forçarmos conceitos cristalizados sobre a língua para estudar as imagens. (MILANEZ, 2013, p. 347)

Os bordões de telenovelas fazem parte de um conjunto de estratégias que indicam o quanto a mídia televisiva modifica diretamente nossas conversas cotidianas, e que enunciam em conjunto com o corpo para cristalizar na sociedade um comportamento que se torna imitável. Por gerações, algumas dessas “frases de efeito” fizeram e continuam fazendo parte da história brasileira, sendo repetidas à exaustão pelos telespectadores. Isso indica o poder que a mídia exerce sobre nossas práticas discursivas por meio de enunciados que se propagam, de cérebro em cérebro, de forma participativa, o que já indicava uma modificação substancial na

¹¹ Fonte: <http://textos.yurivieira.com/cronicas/sinhozinho-lula/#sthash.10347guF.dpbs>

forma como os telespectadores consumiam os produtos midiáticos, mesmo antes da explosão do uso das redes sociais na internet.

1.2.2 A publicidade e a festa dos memes

Os sites de relacionamento permitiram que os memes, em sentido amplo, se propagassem de forma mais rápida e reverberassem em diferentes meios de comunicação. Foi o que se viu recentemente em uma campanha publicitária da Brastemp, que deixou sua marca na “boca do povo” ao criar a expressão “Não é assim uma Brastemp!” no início da década de 1990, fazendo referência à qualidade inferior dos produtos da concorrência. Esse *slogan* foi retomado e, em 2017, veio a público novamente como parte de uma atualização da marca em uma nova campanha publicitária¹² denominada de “Brastemp Homemenagem”. Na qual, por meio de um diálogo inicial entre os dois “garotos-propaganda” da década de 90, Wandy Doratiotto e Arthur Kohl, há o questionamento sobre a necessidade de virar meme para ser moderno, diante da possibilidade de terem sido esquecidos para fazerem a nova campanha da marca (Figura 8).



Figura 8: Trecho da campanha “Brastemp Homemenagem”

O questionamento que se inscreve nesse momento é o discurso de que o meme é uma linguagem moderna, contemporânea e circulante no espaço virtual, sem se ater ao fato de que

¹² Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eND-7XFbeD0>. Até a data de 18 de julho de 2018, o vídeo tinha 4.679.122 visualizações.

a marca já havia criado seu próprio meme com a frase "Não é assim uma Brastemp". No entanto, o que nos interessa aqui é perceber o diálogo entre tais mídias, a publicidade introduzindo e se apropriando de elementos da cultura ciber, em um claro processo de convergência.

A campanha inicia pela conversa entre os homens, que logo fazem reflexões sobre o que é preciso para fazer parte da propaganda atualmente. Em seguida, a inserção de cenas que mostram alguns memes famosos que, trazidos da televisão, se espalharam e dominaram as redes sociais na internet. É o caso de “Não sou capaz de opinar”, dito pela atriz Glória Pires em uma transmissão da premiação do Oscar em 2016, incorporado à campanha da Brastemp como resposta ao questionamento da qualidade dos produtos da marca.



Figura 9: Meme “Não sou capaz de opinar”, utilizado na campanha da Brastemp

Outros memes famosos foram utilizados para traçar o diálogo com a ideia da “Homemenagem” pretendida pela marca, uma homenagem feita pela Brastemp às novas gerações de produtos da marca, caracterizados pela modernidade do mundo digital. Assim, estão presentes também os memes “Eu sou rica” (Usado pela vilã Norma, interpretada pela atriz Carolina Ferraz, na novela Beleza Pura, da Rede Globo em 2008), “Não tenho a menor paciência pra quem tá começando” (Dito pela atriz Suzana Vieira, ao vivo no programa Vídeo Show, à repórter Geovanna Tominaga enquanto a entrevistava em 2009) e “Churrasco de melancia” (Receita saudável recomendada por Bela Gil em seu programa do canal GNT em 2016).

Nesse conjunto de enunciados, mostrados aqui como memes, encontramos um fio lógico que demonstra a capacidade descontínua do discurso emergir em diferentes condições, renovando suas capacidades de dizer e significar. Do *trollface* ao “não sou capaz de opinar”, tem-se o movimento da história permitindo um novo momento de enunciação, a realocação desses enunciados em singularidades discursivas que marcam um novo acontecimento.

E preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As

forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. (FOUCAULT, 2014, p.73).

É por esse poder de dizer novamente, sob novas condições que marca a genealogia dos memes, um fio lógico que os coloca dentro da capacidade de reproduzir, de (re)dizer e que marcam a presença dos sujeitos que se colocam como um movimento único na história do dizer. Não é em qualquer momento, não é em qualquer lugar. É preciso que haja no tecido histórico o desejo, a vontade de satisfazer o aparecimento do enunciado e sua capacidade de permanecer se alterando verticalmente, para que em novas condições essa irrupção seja marcada como um acontecimento singular da história.

Essa convergência entre as mídias televisiva e sociais na internet permite compreender o papel assumido pelo consumidor nesse novo paradigma de produção e consumo, pois a participação dele é essencial para a propagação dos memes. Não somos mais aqueles que esperam o produto, somos capazes de constituir a mídia, prova disso é uma linguagem produzida na televisão ser capturada pelo público, ser repetida nas redes sociais com valor humorístico e retornar como campanha publicitária divulgada em redes sociais e televisão. É imperativo afirmar que sem a efetiva participação coletiva desse público, essa convergência dificilmente estaria acontecendo. Retomando o conceito de Pierre Lévy de inteligência coletiva, Jenkins afirma:

Nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático. Estamos aprendendo a usar esse poder em nossas interações diárias dentro da cultura da convergência. (JENKINS, 2009, p. 30).

Ao lado dessa inteligência coletiva, pensando em termos discursivos, pensamos na produção dos saberes que estão enredados nessa construção genealógica. O saber está intimamente ligado ao poder, uma vez que ele permite a separação entre categorias históricas, como vem sendo feito com o que é considerado científico e não-científico, e, à medida que o sujeito se coloca como parte desse acontecimento histórico de enunciar por meio de memes, ele passa a fazer parte de uma produção ininterrupta desse poder, uma vez que detém o poder de produzir, compartilhar, comentar, etc. Há, no seio dessa chamada convergência, a necessidade de se adequar, os sujeitos comunicativo-discursivos precisam partilhar dessa disciplinarização para que lhes outorgue o lugar de sujeito digital, de parte desse acontecimento histórico do uso das redes *online*. Assim, não falamos apenas de conhecimento, como o complexo processo de

aprendizagem, mas do saber como uma série de processos que exercem e legitimam o poder de alguém. Estar conectado é manusear esses elementos históricos e resgatar seus significados e atualizados para o momento do seu uso presente, é dominar estruturas históricas completamente distintas para que se possam verticalizar o olhar para compreender o decurso dessa história singularizada a cada uma dessas irrupções do enunciado. É como conseguir pular no fio da história e fazer parte da constituição dessas diversas formas discursivas.

não se trata, na verdade, de modificações do saber de um sujeito do conhecimento que seria afetado pelas transformações da infraestrutura, mas de formas de poder-saber que, funcionando no nível da infra-estrutura, dão lugar à relação do conhecimento histórico determinado que se fundou sobre o par sujeito-objeto. (REVEL, 2005, p. 79)

Somos efetivamente os nós que se entrelaçam para produzir linguagens. À sua maneira, cada um coopera com seus saberes para que essa rede de pensamentos se concretize nas diversas mídias coexistentes e permitindo que os memes sejam capturados, produzidos, publicados e compartilhados nessa imensa e infindável rede de interações. Por isso, entendo o meme como um fenômeno comunicativo e social, uma atividade humana que, enredada por aspectos sociais de interação, estão em constante propagação em virtude de sua produtividade de sentidos, de saber e poder de circulação entre diferentes esferas midiáticas, servindo a diversos contextos de comunicação.

É nessa emergência singular que situo as análises a serem produzidas neste trabalho, a partir de um fio condutor de saberes sobre Belém, os sujeitos são constituídos nos memes por uma série de enunciados que se caracterizam historicamente pelas relações de poder instituídas desde a colonização da cidade. Cada meme rompe com a continuidade desses discursos sobre Belém e marca um posicionamento único sobre a história dela e de seus sujeitos, não à toa estão aqui memes que respondem singularmente ao aparecimento de práticas e características sociais costuradas no decurso da formação da capital paraense, é um presente histórico que verticaliza o olhar sobre “Quem somos nós”, sujeitos de Belém, “hoje”, nesse instante histórico, nessa fotografia do acontecimento e que irrompe como um novo modo de dizer, atualizado pela genealogia dos memes.

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso

remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. (FOUCAULT, 2012, p. 31).

Aqui não interessa a origem, de onde veio, qual a primeira vez enunciada, mas sua irrupção como acontecimento, podendo usar as mesmas palavras, as mesmas imagens, mas nunca sob as mesmas condições de emergência. A cada ato de enunciar estão engendradas novas significações, novas relações discursivas, novos sujeitos que, historicamente situados, redimensionam a capacidade de interpretação. Há sentidos cristalizados, guardados como cerne, como DNA básico do meme, ao mesmo tempo em que sua atualização permite revirar sua significação e demonstrar a capacidade humana de produzir sentidos a cada instância do jogo enunciativo.

É esse aparecimento que nos interessa, sua singularidade, seu ato único, incontestável como monumento histórico de uma sociedade coletiva e que produz saberes e poderes a partir da digitalização de seus sujeitos, que discursivizam a si e aos outros por meio de uma memória atualizada dessa heterotópica atualidade.

1.3. Os Memes e seus usos políticos e midiáticos

Em outubro de 2016, foi divulgado o resultado de uma busca comparativa entre as palavras “meme” e “Jesus”. Os dados levavam em conta a procura pelos termos no mundo todo a partir de uma ferramenta disponibilizada pelo site Google.com denominada de Google Trends, a partir da qual é possível ter acesso a inúmeros dados sobre pesquisas antigas e recentes, em várias partes do mundo sobre qualquer termo pesquisado no site.

No Google, memes são mais populares que Jesus

Pesquisa realizada no Google Trends que usuários de serviço de buscas estão mais interessados em rir do que em religião

27/10/2016 | 18h30



■ Por Redação Link - O Estado de S. Paulo



Figura 10: Notícia publicada no site Estadão sobre procuras no Google à palavra meme¹³

Na imagem, vemos uma manchete e um subtítulo que remetem à informação sobre o número de buscas pela palavra meme como maior que pela palavra Jesus. Logo em seguida, o site do jornal destaca um meme famoso por fazer referência à apresentação em *Power Point* feita pela equipe de investigação da Operação Lava-Jato em que se buscava relacionar a figura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva aos crime de corrupção e lavagem de dinheiro, de

¹³<https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,no-google-memes-sao-mais-populares-que-jesus,10000084834>

maneira bastante simples, seu nome ao centro era alvo de setas que indicavam informações como “mensalão”, “maior beneficiado” e “enriquecimento ilícito”. A estrutura gráfica evidencia uma figura central como causadora ou beneficiária de uma série de eventos, dessa forma, a capacidade de reaplicar esse enunciado se torna fundamental para que ele viralize como meme.

Na ocasião, a surpresa aconteceu em virtude de o termo “meme” ter superado as buscas pela palavra “Jesus” pelo mundo. Não à toa, o que se tem visto pela mídia jornalística é uma efetiva popularização do meme ao ponto de noticiar um acontecimento dessa natureza (Figura 10), e o sucesso é tanto que, quase dois anos depois, uma nova busca no *Google Trends* revela a permanência dessa procura pelo termo no período dos últimos doze meses.

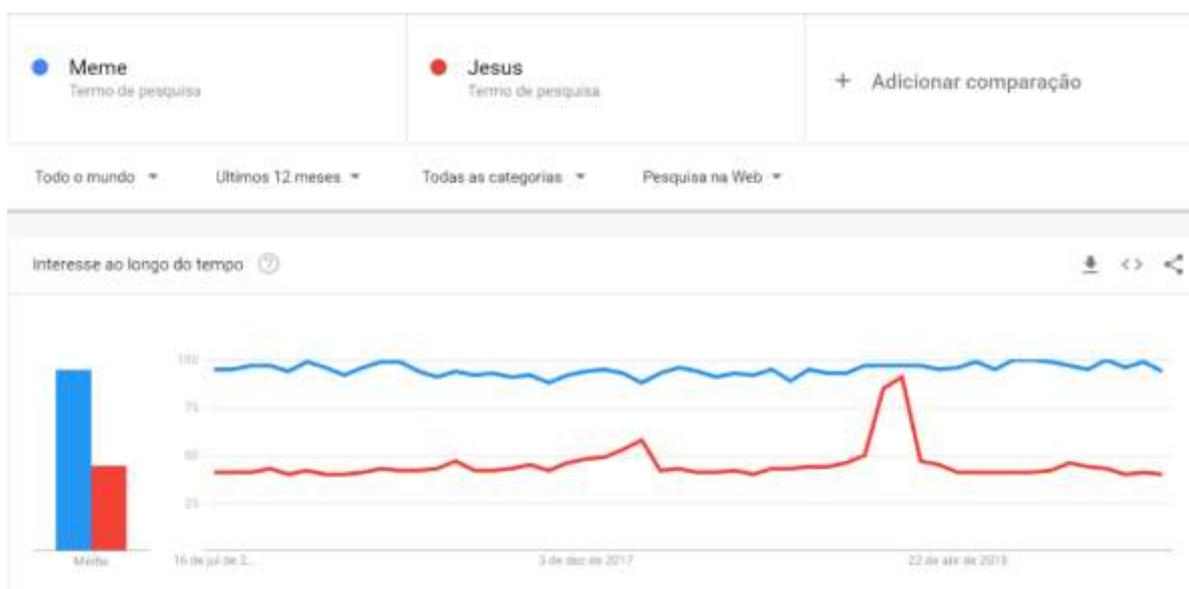


Figura 11: Busca comparativa pelos termos Meme e Jesus na ferramenta Google Trends¹⁴

Tais dados deixam visível a amplitude comunicativa desse fenômeno. Sem adentrar a valores de natureza religiosa, meu interesse nesses números é mostrar o quão presente se faz hoje a cultura do meme, como parte de nossos processos de comunicação em uma escala mundial. Isso, em parte, indica a necessidade de se ampliarem campos de estudos sobre os memes, uma vez que a mídia jornalística tem exposto cada vez mais seu teor comunicativo como atividade social e política. Além disso, estudos realizados pelo pesquisador da área da Comunicação Viktor Chagas, da Universidade Federal Fluminense (UFF), tem demonstrado, por exemplo, a perspectiva político-eleitoral assumida pelos memes.

¹⁴ Fonte: <https://trends.google.com.br/trends/explore?q=Meme,Jesus>. Acesso em: 12 de jul. 2018

A emergência de novas formas de humor, propiciadas pelas tecnologias de informação e comunicação, reforça ainda mais a importância de se pensar o uso do humor no contexto eleitoral. Isto posto, o que é aqui apontado é que o humor político na internet contribui para a criação e a consolidação de uma teia de significados compartilhados, que absorve e ressignifica conteúdos da cultura popular. (CHAGAS *et al.* 2017, p. 178).

Como exemplo dessa relação entre fatos e memes, trago uma notícia publicada no portal G1 (Figura 12) acerca da circulação de memes em virtude da greve dos caminhoneiros, ocorrida no mês de maio de 2018. O texto dá espaço a várias publicações em que é possível observar diferentes redes sociais utilizadas como espaço para disseminação dessas produções, embora a maioria de seus conteúdos se ampare no efeito humorístico em decorrência da greve, interessa a essa pesquisa a circulação desses memes como unidades de um conjunto de regularidades que registra historicamente os acontecimentos.

De uma visão do presente, a greve é um ato social e político que gera efeitos em diversas instâncias da sociedade, contudo a dos caminhoneiros obteve uma repercussão diferente por envolver muitos mais segmentos, acarretando em dificuldades em setores como transporte, abastecimento de alimentos, atendimento em hospitais. Assim, a mídia propaga tal acontecimento histórico e sua grande amplitude social produz acontecimentos discursivos (FOUCAULT, 2012) que me permitem analisar formas regulares de produção de sentidos.



Figura 12: Notícia do site G1 sobre memes produzidos durante a greve dos caminhoneiros¹⁵

Para proceder a tal análise, é preciso compreender a memória de um passado que é retomado por diferentes funções enunciativas, as quais estão dispersas no decurso da história, assim como são passíveis de uma recomposição arqueológica. Nos dizeres de Foucault (2012, p.32)

Aceitarei os conjuntos que a história me propõe apenas para questioná-los imediatamente; para desfazê-los e saber se podemos recompô-los legitimamente; para saber se não é preciso reconstituir outros; para recolocá-los em um espaço mais geral que, dissipando sua aparente familiaridade, permita fazer sua teoria.

1.4. O meme como Enunciado

Pensar o meme como materialidade de análise discursiva não é tarefa das mais simples. Minha perspectiva de enunciado será amparada pelas reflexões de Michel Foucault, para quem o enunciado não é meramente uma unidade gramatical, pragmática ou analítica, mas sim uma função, verticalizada, numa relação com outras unidades do dizer, presentes ou não nesse ato.

Para empreender tais reflexões, é necessário situar o pensamento foucaultiano sobre o enunciado, para quem “ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos

¹⁵ Fonte: <https://g1.globo.com/economia/noticia/greve-dos-caminhoneiros-veja-memes-e-reacoes-da-internet.ghtml>

concretos, no tempo e no espaço.” (FOUCAULT, 2012, p.55). Então, estamos diante de um fenômeno que está além da linguagem, além da comunicação, é evento situado na história e cumpre funções num dado momento da sociedade. Pensar o enunciado é pensar na existência de condições de possibilidades que o permitem existir, e na correlação que ele estabelece com outros enunciados ditos e não ditos.

Visto como a unidade mínima e indecomponível do discurso, o enunciado é integrante da história e não apenas do linguístico, ainda que sua materialização se faça também por ele. Diferente de Pêcheux (1969), que pensa o enunciado, em um primeiro momento, numa dimensão saussureana, portanto estruturalista, Foucault elabora a fundação do enunciado como algo de natureza semiológica, vinculado ao funcionamento histórico e social da linguagem, daí o fato de entendermos aqui a preocupação dos estudos discursivos foucaultianos com a produção social dos sentidos, utilizando um aparato teórico que busca estabelecer a relação entre língua, sociedade, história e sujeito, além de aspectos ideológicos.

O enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apoia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência.

[...]

Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2012, p. 104-105)

É esse lugar funcional do enunciado que nos oportuniza pensá-lo não apenas da perspectiva linguística, mas semiológica. Um enunciado é uma materialidade de signos, situado num dado momento histórico e espacial. Assim, a produção social de sentidos se constitui por meio de palavras, de imagens, de gestos, de sons, de cores. Daí, a relevância de pensar em enunciados verbo-visuais como parte desse jogo de sentidos produzido no tecido social em que subjetividades estão em cena.

Ao situar o enunciado como função discursiva, é preciso compreendê-lo como parte de um conjunto de regras que estabelecem uma ordem na sociedade. Pensar no discurso com Foucault é pensar também em relações sociais tecidas por tensões de poder, nas quais os sujeitos estão inseridos em uma ordem hegemônica, que busca legitimar práticas em detrimento de outras. Há, para isso, que se pensar em que condições essas legitimações são feitas, como essas relações de poder se forjam, numa espécie de correlação exclusiva. Ou seja, pensar no processo de enunciação a partir do que é dito e do que é não dito.

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. (FOUCAULT, 2012, p. 34).

Minha investigação está calcada nas condições de possibilidades que permitem a um dado enunciado ser dito no lugar de outro, daquela escolha ter sido feita e não outra, e como isso se concretiza por meio de relações com outros discursos. É o discurso em sua irrupção, em ato, e que dialoga com sua historicidade. Para isso, é preciso estar atento ao fato de que, nessas relações sociais, há ordens estabelecidas, nas quais há um controle sobre o que é dito, sobre o que não se pode dizer, diante da possibilidade de seus perigos iminentes.

As ordens sociais são rígidas e organizadas, de forma a controlar, selecionar e se (re)distribuir na sociedade. Parte-se do conceito de “ideologia” para entender como essas ordens se estabelecem.

A "ideologia" é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em *última instância* pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua. (GREGOLIN, 1995, p. 17)

Dessa forma, a pluralidade de pensamentos na sociedade é inquestionável, uma vez que essas diversas formas de pensamento estão em coexistência, apontando para o entendimento de que não há a existência de apenas um discurso, mas que, diante de certas condições de possibilidades históricas, certos discursos ganham visibilidade e outros são apagados, inferiorizados ou silenciados. É nesse sentido que a Análise do Discurso pensada com Foucault se presta a interpretar essa descontinuidade, pois o “agora” é que permite compreender os motivos que levam certos discursos a emergirem na sociedade.

É dessa forma, situado historicamente, que penso o meme como enunciado, conjecturando-o como parte das relações sociais e produzido por sujeitos atuantes socialmente, uma vez que, ao selecionar essas funções do dizer, elegem uma via de produção de sentidos, que se materializam no espaço virtual e encadeiam uma memória social, entre o que já foi dito e o que é possível de ainda dizer, em um movimento contínuo de (in)visibilidades. Ao selecionar um meme, o sujeito produz sentidos alicerçados na ativação e atualização de uma

memória histórica, seja da telenovela, da campanha publicitária, do filme, e colocando em circulação a reinscrição da história.



Figura 133: Meme da página “Paraenses na Depressão”

O meme da figura 14 exemplifica esse deslocamento histórico do dizer. O enunciado “O meu amor virou brinquedo pra ti” é um trecho do refrão da música “Conquista”, gravada pelo cantor paraense Wanderley Andrade em 2001 e lançado em seu álbum “O gênio do Calypso”. A canção retrata uma relação amorosa em que o eu lírico se coloca subserviente à mulher amada, demonstrando uma relação hierárquica entre os sujeitos que figuram como personagens centrais de um sofrimento musicalizado que inicia com a seguinte estrofe:

Venha meu amor
Não me deixe assim
Preciso de você aqui perto de mim
Tenha dó, venha por favor
Estou querendo alguém como você aqui
Pra me abraçar, me beijar
Me fazer feliz como eu sempre quis
Você é minha paixão
É o meu dia ensolarado
Ficar com você, é como sonhar acordado
Tudo ver, e não ter¹⁶

Um sentimentalismo amoroso que aproxima essa letra contemporânea das canções medievais conhecidas como Cantigas de Amor, nas quais o sofrimento amoroso nascia da

¹⁶ ANDRADE, W. **Conquista**. Belém: Atracção fonográfica LTDA, 2001. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/wanderley-andrade/138595/>>. Acesso em 09 jul. 2018.

relação desigual entre o homem plebeu e a mulher palaciana, criando assim um valoroso desnível entre aquele que ama e a pessoa amada. A memória aqui retoma as produções líricas trovadorescas, permitindo a leitura da sociedade desigual em que pobres e ricos pertenciam não apenas a hierarquias distintas, mas também a sentimentos intangíveis. “A permanência do acontecimento, sua inscrição na história, depende de agenciamentos, de instituições técnicas. Alguns acontecimentos retornam constantemente pois estão instalados com muita forma na memória cultural: esse insistente retorno opera a canonização [...]” (GREGOLIN, 2011, p. 90)

Aqui, o acontecimento permanece, a vassalagem amorosa é apenas um traço das capilares forças de poder que fazem o silenciamento de um sentimento, capaz de reduzir aquele que ama a alguém que implora, marcado pelos pedidos em forma de verbos no imperativo (não me deixe), pela metaforização positiva da mulher amada (É o meu dia ensolarado) e pela fugacidade do plano de realidade para a realização sentimental (Ficar com você é como sonhar acordado). Dessa forma, a letra de “Conquista” traz a permanência das castas sociais, produzidas e legitimadas historicamente por enunciados que atravessam o tempo e demonstram a ordem do poder entre classes.

Contudo, outro aspecto do enunciado está presente no meme, a sua atualização histórica. Ao deslocar o discurso do âmbito amoroso para o cultural, o enunciado ganha novas performances de significação, pois seu valor de sentido emerge junto com um novo dizer, que atualiza a vassalagem amorosa e atualiza a canção de Wanderley Andrade. Agora, encenam as disputas por práticas de consumo de um fruto regional, o açaí. Junto ao enunciado verbal, a complementaridade do enunciado visual atualiza a memória de uma cultura que, se por um lado visibiliza o açaí como prática alimentar de uma forma na região norte, busca a invisibilidade de outras da região centro-sul, ou seja, açaí com granola e banana é uma prática de consumo negada pela subjetividade paraense, fato que é legitimado pelo refrão da canção junto ao enunciado visual a ser silenciado como prática alimentar.

Ao permitir a visualização da prática rejeitada pelo paraense, entendo que “O enunciado não é assombrado pela presença secreta do não-dito, das significações ocultas, das repressões; ao contrário, a maneira pela qual os elementos ocultos funcionam e podem ser restituídos depende da própria modalidade enunciativa” (FOUCAULT, 2012, p. 134). Assim, o meme se constitui em uma condição histórica de enunciabilidade, a qual permite a emergência de um discurso de poder sobre o consumo do açaí, qualificado como o “amor” do eu lírico e que se torna um brinquito nas mãos daquele que é visto como externo à subjetividade paraense, pois

confrontam-se o “eu” e o “tu”, este último como o não-paraense, capaz de aplicar dor e sofrimento por consumir açaí de outra forma da praticado pelo sujeito paraense.

O jogo de poder assumido no meme aparece como resistência a uma nova ordem de consumo, uma que foge à norma regional que legitimou o açaí com determinados acompanhamentos. Quaisquer opções que desviem dessa conduta, são rechaçados pelo sujeito paraense, seja pela interdição dessa voz que enuncia outras formas de consumo, seja pela rejeição (FOUCAULT, 2014).

Isso posto, é preciso delinear o papel fundamental da imagem como produção social de sentidos, uma vez que a amplitude da linguagem diante das novas tecnologias da informação e comunicação redimensionaram a nossa relação com a visualidade. Para além da apreciação das artes plásticas, do cinema e da televisão, a imagem tornou-se cada vez mais presente em virtude de ser enunciado produzido, manipulado e reproduzido na esfera digital.

1.4.1. O enunciado visual

Situados historicamente, os enunciados ganham novas formas, novas materialidades de dizer. Assim, a emergência das tecnologias digitais da informação e comunicação empreendem uma nova estrutura enunciativa, a visualidade digital. Claramente a imagem não foi inventada pela contemporaneidade, muito já se debruçou sobre as correlações e significações produzidas pela imagem na construção da humanidade.

Entretanto, estamos situados numa condição histórica singular, em que as imagens permitiram à visualidade uma produção crescente de sentidos a partir da popularização das telas digitais conectadas à internet, por meio das quais os sujeitos exploram, produzem, replicam, aceitam ou rechaçam significados. Há uma reconfiguração das relações intersubjetivas, nas quais cada um efetiva seu papel das mais diferenciadas formas.

A rede não está alheia às disputas, às relações de poder. Há diferenças na forma de participação de cada indivíduo, que se constituem a partir de suas singularidades históricas e culturais. O mito da igualdade se desconfigura pelas disputas que se estabelecem nas sociedades e que se reproduzem nesse ambiente virtual, principalmente se o entendemos como realidade ampliada. Talvez seja a configuração desse ambiente que permita enxergar as diferenças, as disputas e as resistências que existem nas práticas comunicativas com mais facilidade. (MIRANDA, 2014, p. 36).

Essa pluralidade cultural de práticas comunicativas permite entrever um gigantesco cruzamento de ideologias, de trajetórias, de histórias, de discursos que se consolidam cada vez mais pela imagem, o que Gregolin (2011) chama de *discursividades contemporâneas*, ao pensar

no exponencial crescimento das mídias e seu uso da imagem. Além disso, a autora questiona as operações feitas pelas imagens na atualidade com as memórias social, coletiva e cultural.

De fato, o que se observa é a imagem como enunciado fundamental das produções discursivas no mundo virtual, em que é preciso estar atento às ativações constantes de memórias para a construção de sentidos compartilhados na *web*. Assim, é preciso dar à imagem sua dimensão histórica para que seja possível a reconstrução de uma subjetividade que legitima ou não os discursos sobre nós, sujeitos construídos e situados historicamente.



Figura 14: Meme sobre o nascimento de Belém da página Paraenses na Depressão

Um dos elementos mais consistentes acerca da subjetividade do meme da figura 11 é a sua alta adesão por parte dos usuários da rede social Facebook. A página Paraenses na Depressão conta com 169.980 seguidores¹⁷ e publicou o meme em 29 de abril de 2016, ano em que se comemoraram os 400 anos da fundação da cidade.

Com mais de 2,1 mil curtidas e exatos 1.373 compartilhamentos, esse enunciado promove a ativação de uma rede de memórias que sustentam o “nascimento” de Belém e permeiam até hoje o imaginário coletivo sobre o que é a cidade. Antes de adentrar a esta memória, preciso explorar a significativa marca de interações que a publicação despertou nos sujeitos participantes da rede, pois os números indicam diferentes graus de engajamento e aceitação ou rejeição do discurso produzido.

Do ponto de vista das reações, as curtidas em geral funcionam como

[...] uma forma de tomar parte na conversação sem precisar elaborar uma resposta. Toma-se parte, torna-se visível a participação, portanto, com um investimento

¹⁷ Dados referentes à data de 09 de julho de 2017

mínimo, pois o ator não necessariamente precisa ler tudo o que foi dito. É uma forma de participar da conversação sinalizando que a mensagem foi recebida. Além disso, ao “curtir” algum enunciado, os atores passam a ter seu nome vinculado a ele e tornam público a toda a sua rede social que a mensagem foi “curtida”[...]. (RECUERO, 2014, p. 119).

Por outro olhar, retomamos a noção de pertencimento para compreender os modos pelos quais as reações geram identificações, é um modo de se constituir parte desse conjunto de verdades e que permite aos sujeitos se compreenderem constitutivos desse discurso. A identidade, para além do físico, estabelece-se com o cultural, com o social, com o histórico. A concordância, o riso, o amar são parte dessas reações que determinam um “eu” igual ao que é dito, reconhecendo a si e ao outro em termos de discurso, de visibilidade sobre a Belém de tantas plurais características, as quais o “eu” reconhece e se integra ao jogo enunciativo. Como uma raça, uma proveniência, um pertencimento ao grupo por meio da máscara cultural. (FOUCAULT, 2015).

Essa visibilidade permitida pela curtida constitui uma participação mínima do sujeito, mas que o integra terminantemente aos sentidos produzidos pelo enunciado. Para além dessa integração, o ato de “curtir” e as reações como “Haha” e “Amei” permitem compreender o alto grau de aceitação dos sujeitos sobre esse conteúdo enunciado, dando ao meme a legitimação de suas informações, uma espécie de aceitação de seu conteúdo, o que lhes autoriza um direito de falar, um direito regulamentado historicamente em virtude de seu pertencimento social e cultural à capital. Essa exclusividade é uma forma de poder que legitima o sujeito como pertencente a essa sociedade. As subjetividades se constroem por meio de diferentes formas de interação e enunciação, dando ao meme uma funcionalidade histórica por meio de um conjunto enunciativo no qual cabem concordância e discordância por parte daqueles que o leem.

Por outro lado, o ato de “Compartilhar” é a valorização da informação por meio da visibilização desta frente aos demais usuários, a clara intenção de promover um conteúdo para os amigos da rede. Cria-se uma rede coletiva do dizer, que valoriza o discurso direto da imagem (NEVES, 2009), uma vez que ela é transposta tal como é publicada originalmente, sem nenhuma interferência nela. Embora saibamos que a recorrência à publicação permite ao usuário tecer um novo comentário sobre o meme, desqualificá-lo, contradizê-lo, apontar exclusivamente para um amigo na rede e dessa forma incorpora novos sentidos, dá ao discurso uma nova dimensão. O novo, o irrepitível, surge com uma asseveração de cunho valorativo que transforma o enunciado em um novo ato do dizer (BAKHTIN, 2011).

Quanto ao enunciado visual, retomo a discussão iniciada para elaborar um pensamento sobre o lugar da imagem como tal, mais longe ainda de uma perspectiva linguística que o verbal. Situo essas reflexões com Courtine (2011), que inicialmente promove uma discussão em torno de uma “semiologia histórica”, mas que rompe com essa expressão em virtude de seu constructo teórico ter como suporte a teoria dos signos, uma teoria com base linguística.

Ao rejeitar essa postura, Courtine introduz na análise das imagens a perspectiva da intericonicidade e as formas assumidas por ela na relação com outras ao longo da história e com a memória dos seus sujeitos, ou seja, aproxima-se da psicanálise, buscando não a ordem do signo, mas suas falhas, seus lapsos, que permitem a reelaboração de novos sentidos, construindo uma cadeia entre eles. São as iconicidades em relação, externa e interna, a partir da qual é possível pensar numa memória das imagens, de lembranças, de rememoração de uma espécie de arquivo subjetivo e coletivo de impressões visuais.

A intericonicidade supõe, portanto, dar um tratamento discursivo às imagens, supõe considerar as relações entre imagem que produzem os sentidos: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma arqueologia, de modo semelhante ao enunciado em uma rede de formulações, em Foucault; mas também imagens internas, que supõem a consideração de todo conjunto de memória da imagem no indivíduo e talvez também com os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas ou fantasiadas que frequentam o imaginário. (COURTINE, 2011, p. 160)

A proposta agora é instituir à imagem seu caráter enunciativo, uma vez que tal análise permite inscrevê-la no decurso da história como prática construída subjetivamente. No caso do meme da figura 11, é trazida de imediato a memória recente de um desenho animado, que começam pelos 3 primeiros quadros, com fundos azul, verde e rosa, nos quais um homem usando gravata coloca produtos em um recipiente, ativando em nossa memória a produção de uma receita culinária, as gestualidade do corpo constitui-se de uma prática secular humana. Cores e silhueta do homem evocam a memória da imagem presente naqueles que conhecem um famoso desenho animado chamado de “As meninas superpoderosas”, no qual as personagens surgem a partir de um experimento científico em que foram adicionados os ingredientes para suas criações. Permanece a memória da imagem, retomada pelo sujeito que pertence à era dos desenhos infantis, mas também permanece a memória discursiva da criação, pois, ao juntar os ingredientes, cria-se Belém, com suas singularidades sociais e climáticas que determinam a sensação de subjetividade por parte daqueles que conhecem as especificidades dessa capital.

Essa imagem culmina com a fotografia do mercado do mercado de ferro do Ver-o-peso, cartão postal da cidade de Belém, inaugurado em 1901, símbolo da cultura francesa na capital

durante sua Belle Èpoque no início do século XX, que se ergue imponente em meio ao complexo arquitetônico do Mercado do Ver-o-Peso. A extrema visibilidade dada a este mercado, assim como a tudo que ele representa, silencia outros sujeitos que constituem também essa história. A imagem deste mercado, com frequência, aparecerá nas mídias publicitária, jornalísticas e nos memes, contrapondo-se ao sujeito ordinário da cidade.

As experiências vividas por séculos entre os feirantes e os moradores da cidade é algo que escapa, que desestrutura um discurso patrimonialista de conservação. Suas paredes não são de mármore, seus feirantes não pertencem às classes dominantes, os barquinhos que por lá trafegam são de pessoas do povo e muitos deles devem ser descendentes daqueles Tupinambá que foram incorporados à população das cidades. (NEVES, 2015, p. 34).

É a periferia do mercado, a periferia da própria cidade, cujas origens indígenas são apagadas junto com sua existência. Muitos são chamados de ribeirinhos para não serem descendentes de indígenas, um discurso de poder pela língua que invisibiliza parte da história da fundação de Belém. Nesse cenário, de consensuais conflitos, surgem práticas discursivas que permitem um lugar a esses sujeitos, periferizados pelos discursos da mídia, pela história contada a partir das lentes do colonizador.

A *belle époque*, uma era social e política na capital paraense, tem sua atualização como discurso de colonização francesa em Belém, ao ser rememorada por meio de um de seus símbolos mais fortes, uma espécie de permanência do poder colonizador que silencia outras subjetividade que, inegavelmente, fizeram parte dessa construção. A arquitetura colonial é uma das bases que sustentam a memória do progresso, da cultura, da superioridade atribuída ao europeu que demandava um apagamento de memórias enraizadas aqui como as das culturas indígenas.

Constrói-se assim a representação de que a mistura sugerida nos três primeiros quadros resulta na criação de Belém, já que metonimicamente, o mercado representa a cidade. Essa sucessão de imagens não é algo solto, há uma leitura que projeta uma relação que situa o leitor no interior do próprio discurso, a partir de suas exterioridades (MILANEZ, 2013). A relação entre as imagens está na perspectiva de um interdiscurso, ou seja, há nas imagens a memória de outras imagens, de uma história atualizada e remanescente que indica uma subjetividade francesa sobre a cidade, o símbolo maior de Belém, comemorado em seu aniversário e midiaticizado pela sua eleição como maior símbolo de da cidade durante os 400 anos do aniversário da cidade.

Nessa leitura, os indícios estão dispersos na materialidade do enunciado, permitindo a representação de novos sentidos ao símbolo da cidade, sua criação, ao desenho animado e aos seus elementos originais. Calor, chuva e Malaco são aspectos que contribuem para a legitimação ou não dessa Belém (re)produzida no meme, micro-instâncias subjetivas que permeiam a cultura e a história da cidade.

“CALOR”, “MALACO” e “CHUVA” são relacionados aos ingredientes postos na mistura, exemplificam as partes que compõem o todo que marca a cidade. Embora sejam palavras aparentemente soltas, pertencem a um conjunto discursivo que qualifica Belém em dois aspectos principais, “Clima” e “Segurança”. No primeiro caso, Belém é vista como a cidade de extremos, em que sua localização geográfica é crucial para que sua imagem de cidade quente e com alto índice pluviométrico sejam produzidos no meme. Por outro lado, um de seus graves problemas sociais é colocado em destaque, pois o Malaco, nome popular na cidade usado para designar jovens moradores da periferia – amplio a discussão mais à frente-, faz parte da receita principal.

Temos então uma espécie de reconstrução de imagem. Belém é a cidade que mescla características tão diferentes, um lugar de tantas diferenças, de heterotopias (FOUCAULT, 2001, p. 415) que existem em qualquer civilização, como espaços reais delineados pela própria sociedade que se efetivam como contraposições, espaços que estão dentro da cultura, mas fora de todos os lugares. É por meio desses enunciados que se estabelecem diálogos com a história da cidade, uma história do presente, mas que necessariamente depende de inúmeros fatores do passado para serem compreendidos, por meio de uma série de memórias arquivadas no inconsciente dos sujeitos de Belém.

CAPÍTULO 2

BELÉM: SABERES E PODERES COLONIAIS

Neste segundo capítulo, procedo à análise discursiva dos memes a partir dos conceitos base de Dispositivo Colonial, de Neves (2015), e de Colonialismo Interno, de Gonzales Casanova (2015), entendendo a partir de agora que os discursos produzidos pelos memes envolvem mais que teor humorístico, mas que se valem dele para atualizar traços de uma série de relações de poder construídas historicamente principalmente desde o período colonial.

Enfatizo, assim, relações de saberes e poderes que delineiam nossas relações conflituosas ou não com a nossa construção histórica de Belém, por meio de diferentes estratégias que resgatam, mantêm ou renovam certos discursos que contrapõem centro e periferia, ordens discursivas, sujeitos que circulam pela cidade urbana.

“Sabemos que o urbano não é a cidade, mas a alma da cidade, o conjunto das diversas forças que a compõem. O urbano é o virtual da cidade, aquilo que emerge dos processos de industrialização, de racionalização das instituições, dos meios de comunicação de massa, das diversas redes sociais (técnicas, culturais, políticas, imaginárias). O urbano se atualiza na cidade e a cidade se virtualiza no urbano. Da atualização das cidades emergem processos urbanos virtualizantes.” (LEMOS, 2007, p. 11)

O poder não se instaura sozinho, é preciso pensar que seu valor isolado inexistente, pois é preciso que haja quem tem o poder e quem está sob o poder exercido, principalmente, como ele se exerce, quais formas assume e como se discursiviza, por meio de quais práticas se legitima como norma de conduta, disciplina, regulação e divisão social. O saber é ponto fundamental da emergência desse poder, uma vez que neste não reside sozinho o exercício pleno sobre o outro, é preciso que haja um saber sobre os sujeitos circulantes na sociedade e as formas com as quais esses saberes determinam lugares na história do presente.

Portanto, a análise presente vislumbra a uma determinação categórica de como a história da colonização de Belém atualiza os discursos que arregimentam diferentes subjetividades, formas de dizer, comportar, viver e praticar a sociedade. A irrupção dos memes como enunciados em ambiente digital, suas reações, seus comentários, delineiam o modo singular como se enxerga a si, ao outro e a própria história da capital paraense.

2.1. Pará, Belém e o Colonialismo Interno nos memes

Historicamente, o desenvolvimento de alguns países está relacionado a uma relação de exploração colonial, no qual o poder exercido por uma metrópole sobre uma colônia se alicerça a partir de formas muito diversificadas de exploração entre países. Via de regra, nações europeias invadiram territórios americanos e africanos, gerando regimes de controle e exceção às populações dessas regiões.

Um ponto fundamental para compreender o decurso da história pós-colonial em alguns países se centraliza nas formas como suas relações internas foram se constituindo a partir de suas independências. O que busco salientar é o fato de as nações, cuja independência política tenha sido conquistada, mantêm relações intranacionais ainda calcadas no ideário colonial, um colonialismo interno.

Para Gonzales Casanova (2015), sete elementos caracterizam um território como Colônia, dentre os quais destaco: b) um território que se encontra em uma situação de desigualdade em relação à metrópole, onde os habitantes governam a si próprios; e) os direitos de seus habitantes, sua situação econômica e seus privilégios sociais são regulados por outro estado; f) essa situação não corresponde a laços naturais, mas artificiais, produto de uma conquista, de uma concessão internacional; e g) seus habitantes pertencem a uma raça e a uma cultura distinta das dominantes, e falam uma língua também diferente¹⁸.

Essas características correspondem basicamente a algumas relações com as quais este trabalho dialoga em sua perspectiva de análise, pois, uma vez estabelecido o conceito de colônia, entendo a necessidade de se pensar a cidade de Belém e também sua periferia numa relação análoga e interna, o que Gonzales Casanova chama de colonialismo interno.

O colonialismo tem como uma de suas bases a exploração de populações culturalmente diferentes daquele que coloniza, ou seja, uma relação de poder instituída entre saberes e práticas heterogêneas. Assim, a metrópole acaba por criar domínios socioculturais sobre sua colônia. Mesmo após a independência da colônia, o que se observa é a manutenção dessas relações de poder, um colonialismo interno que corresponde

[..] a una estructura de relaciones sociales de dominio y explotación entre grupos culturales heterogéneos, distintos. Si alguna diferencia específica tiene respecto de otras relaciones de dominio y explotación (ciudad-campo, clases sociales), es la heterogeneidad cultural que históricamente produce la conquista de unos pueblos por

¹⁸ Tradução livre de “b) que se encuentra en una situación de desigualdade respecto de la metrópoli donde los habitantes sí se gobiernan a sí mismos; [...] e) que los derechos de sus habitantes, su situación económica y sus privilegios sociales son regulados por otro Estado; f) que esta situación no corresponde a lazos naturales sino “artificiales”, producto de una conquista, de una concesión internacional, y g) que sus habitantes pertenecen a una raza y a una cultura distintas de las dominantes, y hablan una lengua también diferente. (GONZALES CASANOVA, 2015, P. 136).

otros, y que permite hablar no sólo de diferencias culturales (que existen entre la población urbana y rural y en las clases sociales), sino de diferencias de civilización. (GONZALES CASANOVA, 2015, p. 146.)

Minha perspectiva não está no conflito urbano-rural dos países, mas no conflito Belém e cidades do centro-sul, assim como no conflito centro-periferia de Belém a partir de memes publicados em duas páginas do Facebook, a saber, Malaco do Bem¹⁹ e Malaco Intelectual²⁰, cujos enunciados circulam principalmente sob a visão da periferia de Belém, produzindo sentidos a partir de um lugar de fala: a do sujeito da periferia da capital paraense.

2.2. Os memes e a mídia local

Minha proposição de análise é compreender como o sujeito paraense de Belém é construído discursivamente em memes publicados no Facebook, o que me leva à busca de regularidades, de enunciados que estejam alicerçados numa história descontínua sobre esse sujeito e a cidade. Por descontinuidade, entendemos as rupturas históricas responsáveis pelas transformações das unidades enunciativas, que permitem compreender melhor o conjunto dos acontecimentos discursivos. Não é pensar os grandes acontecimentos, mas seus momentos de corte, de mudança das instituições, sociais, políticas, institucionais, etc.

Analisar as regularidades e as dispersões é determinante para compreender como as descontinuidades servem à natureza dos acontecimentos, aquilo que precisa aparecer e aquilo que precisa desaparecer, num comparativo entre discursos que permeiam os acontecimentos na história das sociedades como um sistema de transformação em séries e que se projetam como mudança nas estruturas sociais de saber e poder.

Na verdade, a supressão sistemática das unidades inteiramente aceitas permite, inicialmente, restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento e mostrar que a descontinuidade não é somente um desses grandes acidentes que produzem uma falha na geologia da história, mas já no simples fato do enunciado. (FOUCAULT, 2012, p. 34).

Vejamos, como exemplo deste processo, a reportagem a seguir.

¹⁹ <https://www.facebook.com/malacodobem/>

²⁰ <https://www.facebook.com/malacointelectual/>

DOL NOTÍCIAS ESPORTES ENTRETENIMENTO MULTIMÍDIA

Geração digital: Conheça as novas caras do humor paraense na internet

Terça-Feira, 02/01/2018, 22:16:58 - Atualizado em 03/01/2018, 11:38:30 Ver 1 comentário(s)

FACEBOOK TWITTER GOOGLE+ IMPRIMIR

"Malaco do Bem" (no centro) prefere manter o anonimato (Foto: Reprodução)

Eles ganharam a atenção de milhares de pessoas fazendo brincadeira com o dia a dia do paraense. Com cada vez mais seguidores, páginas como "Icoaraci da Depressão", "Paraenses na Depressão", "Malaco Intelectual", "Malaco do Bem" e "No Pará é Assim" são apenas alguns dos perfis de sucesso e totalizam juntas quase um milhão de seguidores, número equivalente a mais da metade da população de Belém.

Aproveitando a liberdade da internet, estas páginas têm conseguido falar para um público jovem cada vez mais conectado – a maioria moradores dos bairros da periferia – e que antes não se identificava com o humor local, produzindo conteúdo exclusivamente para as redes sociais.

Figura 15: Matéria do site DOL sobre páginas de humor paraense²¹

A mídia jornalística local, assim como na abordagem nacional acima explicitada, tem sido um espaço de grande repercussão dessa produção de sentidos. Uma evidência deste funcionamento é esta reportagem publicada pelo DOL - site do jornal Diário do Pará sobre as páginas paraenses que partiram do cotidiano da região para produzir humor.

Publicada em janeiro de 2018 (Figura 13), a matéria publicada pela mídia regional, construída por sujeitos pertencentes ao conglomerado político e elitista da capital, cita o público jovem morador da periferia como maior alvo de sua produção e destaca a singularidades dos bairros e distritos da capital. Há uma dualidade entre o sujeito produtor e o sujeito produzido, esses lugares sociais de poder denotam a capacidade de um ser capaz de produzir a

²¹ Fonte: <http://www.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/noticia-476675-.html>

subjetividade do outro, ao mesmo tempo em que constitui a sua própria, ao tecer sobre a subjetividade da periferia, a tradicional mídia produz *status* singular para aquele que é jovem da periferia, legitima assim as práticas sociais e culturais daquele grupo e o organiza numa hierarquia social. Compreende-se, então, a construção de um conjunto de traços que singularizam esse sujeito. Tudo isso como parte de modalidades que enunciam, que dizem, sob escolhas específicas, o dizer sobre o outro de forma estratégica “a maioria moradores de bairros da periferia” são o público potencial subjetivado, construído como parte desse sistema e que seleciona a quem pertencem tais discursos produzidos nas páginas do Facebook, por meio de enunciados que geram identificação entre o leitor, o sujeito de quem se fala e o sujeito que fala.

Pode-se, assim, descrever uma árvore de derivação enunciativa: em sua base, os enunciados que empregam as regras de formação em sua extensão mais ampla; no alto, e depois de um certo número de ramificações, os enunciados que empregam a mesma regularidade, porém mais sutilmente articulada, mais bem delimitada e localizada em sua extensão. (FOUCAULT, 2012, p. 180).

Outro ponto fundamental que a matéria destaca é o acesso majoritário via celular a redes sociais, uma vez que os planos de internet não permitem tanta navegação por outros sites. Assim, a busca por esses espaços de interação se amplia e determina novas experiências sociais que indicam acontecimentos, já que inscrevem um evento na história e não o restringem a um momento único (MIRANDA, 2014, p. 42).

É no esteio dessa perspectiva histórica dos acontecimentos que pensarei os memes como enunciados, unidades mínimas do discurso que concretizam práticas de subjetividades nas quais os sujeitos se constituem por meio de relações de saber e poder, diferenciando-o do indivíduo que pertence ao coletivo, não é sujeito gramatical, nem sujeito produtivo, é sujeito histórico constituído pela história e por suas relações com o outros, relações estas ligadas ao poder.

O poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” - entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. Não há relação de poder onde as determinações estão saturadas. (FOUCAULT, 1995, p. 244)

Aqui se inserem os sujeitos que emergem dessas relações de poder, no exercício pleno da coletividade que organiza e delimita lugares físicos, sociais e culturais para grupos específicos. A legitimidade desse poder encontra ancoragem nas possibilidades de saber, de haver disponibilidade para o ordenado ser parte desse conjunto que salienta a hierarquia histórica. Portanto, a análise central deste trabalho está além das características textuais e das

funcionalidades comunicativas dos memes, está baseada nas ordens sociais que foram construídas desde a colonização de Belém e que permanecem vivas nas mais capilares formas de enunciação.

2.3. A torcida do Flamengo e o machismo nosso de cada dia

O meme a seguir, do namorado infiel, famoso no ano de 2017 e datado desse mesmo ano em sua publicação na página Malaco Intelectual, revela a conflituosa relação cultural esportiva entre o estado do Pará, mais propriamente Belém, e as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Sob certas condições, é preciso pensar no lugares sociais e nas relações de poder instituídas ao homem e à mulher, o indivíduo do sexo masculino está historicamente normalizado como o sujeito infiel, no qual o discurso adúltero toma contornos de humor, mesmo não sendo uma prática legitimada pelas regras normativas da sociedade.

Nele, o sujeito de Belém é construído a partir de um complexo processo de colonialismo interno. Entendo aqui o sujeito de Belém e não o paraense em virtude de os times do Remo, Paysandu e Tuna serem símbolos esportivos da capital, uma vez que outros municípios do estado não têm apenas nesses times suas referências esportivas. Além disso, penso na generalização “povo paraense” como mais uma das marcas desse colonialismo interno, pelo fato de congregarem a população de um estado tão grande e heterogêneo sob a torcida de três times da capital. Esta pretensão, bastante alimentada pela mídia televisiva local, também revela um jogo de poder desse território sobre os municípios do interior, modelando um silenciamento da existência de outros times que estejam fora do espaço da capital.



Figura 16: meme do namorado infiel da página Malaco Intelectual

O processo de colonialismo interno no meme da figura 16 está marcado pelas preferências esportivas que concorrem para a desvalorização do que é de Belém. O rapaz, cuja subjetivação do paraense revela a ambiguidade de estar de mãos dadas com os times de seu estado, ao mesmo tempo em que flerta com os times do Rio de Janeiro e de São Paulo. Esse sujeito é o ponto de encontro dessa heterogeneidade histórico-cultural, um sujeito que está de olho na cultura da região considerada mais rica e do país, cujos times têm uma supervalorização nacional e não apenas uma projeção regional. Esse saber transforma, esquadrinha novos comportamentos sobre o homem que agora potencializa seu “flerte” cultural.

Não é apenas uma luta de classes, não é apenas um jogo de exploração de mão-de-obra, mas também é o conflito interno no Brasil, cuja estrutura de poder se constituiu historicamente no desenvolvimento da região Sudeste, o que leva à percepção de um domínio dela sobre as demais, um centro que irradia comportamentos, impõe tendências e projeta gostos. O paraense é situado como fruto desse processo de colonialismo interno ao desejar aquilo que é originário de outra região, outra cultura, bem como o imaginário brasileiro tende a pôr em confronto Europa e Brasil. Agora o saber produzido pelo contato cultural emerge como prática de poder que autoriza o homem a ser “adúltero” com seus times regionais, a certeza dessa maleabilidade cultural normaliza a “traição” à sua região de pertencimento e normaliza sua conduta como consequente forma de saber sobre si e suas práticas sociais. Dentro desse caldo cultural, o saber sobre o trânsito cultural é heterotópico, localiza esse sujeito como parte de uma Belém, ao mesmo tempo que de um Brasil, sua singularidade discursiva enuncia um sujeito heterotópico, com uma espécie de enunciação fraturada (MIGNOLO, 2003) que permite a ele ser localmente diferente e subjetivamente único, ao concentrar *topos* diferentes.

O subdesenvolvimento da região norte é o polo fraco dessa disputa de poder que encena com o desenvolvimento social e econômico do Centro-Sul. Situado na Amazônia, o Estado do Pará é o território em que a exploração do indígena teve grande força durante o período colonial. O que me leva a entrever uma história de exploração, uma subserviência que impôs à região Norte, ao Pará, a Belém uma posição discursiva de subalternidade quando comparada às metrópoles do Centro-Sul. Esse meme ratifica essa subjetividade, construindo um paraense preso à história colonial, num típico processo interno de dependência cultural.

Outro elemento que enseja o olhar sobre as relações de poder nesse meme são os posicionamentos discursivos dados ao homem e à mulher. Coloca-se de forma contundente uma prática machista já normalizada pela nossa sociedade, uma vez que, mesmo estando de mãos dadas a uma mulher, o que nos sugere algum tipo de relação fixa, o homem vira-se e lança um

assovio à outra que passou antes pelo casal. O rosto de indignação da mulher demonstra a não aceitação da prática, o que não impede que tal homem deseje a outra. Aqui fica muito clara a escolha por sujeitos que historicamente assumem posições desiguais na relação, em virtude da prática que privilegia o homem socialmente construído e aceito como infiel.

O embate entre a relação estável e o flerte constitui-se de um jogo de poderes alicerçados em uma prática hegemonicamente machista, no qual o lugar do homem é flexível, podendo flutuar entre as torcidas-mulheres como bem quiser, e o da mulher é o da objetificação, uma vez que pode ser escolhida como parceira fixa, bem como alvo de desejos e flertes cotidianos, permitida por uma normalização de um comportamento considerado típico de homem. Esse comportamento típico diz respeito ao que se construiu para o homem enquanto detentor do poder da relação, desde a antiguidade a imagem da força, da ordem, do comando está sob as mãos masculinas e, nesse registro enunciativo, repete-se essa ideia ao colocar o homem como aquele que trai, aquele que olha para o lado e flerta com a mulher.

Ao homem foi dado historicamente esse posicionamento, instituindo a ele esse saber que lhe permite transitar entre as mulheres. Uma forma clara de construção discursiva do machismo que o antagoniza com a aceitação não tão pacífica, mas silenciosa da mulher que o acompanha. Não é normatizado, pois a ordem cristã atribui à relação conjugal a fidelidade, mas é normalizado, uma vez que se traduz esse comportamento em termos de humor, do risível, do aceitável por ser jocoso.

2.4. A resistência pós-colonial entre o saber e o sabor

Como bem adverte Michel Foucault (2015), não existe poder sem resistência e apesar destas imposições instituídas desde o início da colonização e atualizadas nas dobras da história, existe também resistência ao processo de subalternização. Além dessa subjetividade que ratifica o colonialismo interno, outros memes rompem com essa relação de poder, como no meme a seguir, em que esse discurso de colônia é refutado e a cultura do Pará ganha outra forma de visibilidade.



Figura 17: meme sobre consumo de açaí da página Malaco do Bem

O discurso colocado em circulação nesse meme indica uma narrativa distinta do anterior. A noção de colonialismo interno sofre uma resistência por parte desse sujeito paraense que busca reescrever sua própria história cultural. Ao comparar formas de se fazer a ceia de natal, opondo “errado” e “certo” como formas de consumo, nega-se a herança colonizadora, metropolitana e requintada da cozinha tradicional europeia. São pratos elaborados a partir da tradição à mesa de um maior poder aquisitivo.

O que é bom, o que é positivo é assinalado com as comidas típicas do Pará. O tacacá, a maniçoba, o açaí com farinha e o charque legitimam essa subjetividade paraense, formas de resistência ao discurso do colonizador, perpetuado pelo país, pelo Estado, pela cidade como práticas alimentares “corretas” para o momento do natal. Entretanto, ainda assim, o evento comemorativo do natal revela-se como essa marca de poder colonial, afinal trata-se de uma festa cristã, europeia, gerenciada pela tradição colonizadora e trazida pelas grandes navegações que iniciaram a dizimação do povo e a imposição da cultura aos indígenas da região.

Na perspectiva pós-colonial assinalada por Santos (2006), duas acepções são descritas como formas de narrar esse acontecimento. A primeira é considerada como parte da história, em que as colônias se tornam independentes, geralmente analisadas pelas lentes econômicas, sociais e políticas. Já a segunda acepção de pós-colonialismo se insere

[...] nos estudos culturais, linguísticos e literários usa privilegiadamente a exegese textual e as práticas performativas para analisar os sistemas de representação e os processos identitários. Nessa acepção o pós-colonialismo contém uma crítica,

implícita ou explícita, aos silêncios das análises pós-coloniais na primeira acepção. (SANTOS, 2006, p. 99-100).

Dessa forma, a análise aqui proposta está vinculada à segunda acepção, uma vez que a resistência enunciada no meme se constitui de uma contraordem, uma forma de se contrapor ao discurso hegemônico europeu de prática festiva. Assim, é construída uma narrativa do ponto de vista do colonizado, do sujeito paraense que, ao dispor de uma mesa tipicamente paraense, rompe com práticas historicamente consolidadas pelo discurso do colonizador. O meme da figura 17 insurge como uma construção social de sentidos, como um enunciado cujos traços de significação produzem a crítica ao colonialismo interno que, embora mantido pela comemoração da tradicional festa cristã do natal, é bloqueada em sua totalidade, uma vez que se confrontam as práticas julgadas por esse sujeito paraense como “certas” e “erradas”, o que lhe permite visibilizar formas de resistência a esse colonialismo que silencia até hoje práticas culturais radiculares de nossa região e atualiza o dispositivo colonial (NEVES, 2015).

A resistência colonial enunciada no meme destitui o cardápio europeu e coloca a tradição indígena à mesa. Açaí e Mandioca são as bases dessa alimentação regional colocada como marca subjetiva do paraense que, ao comemorar a festa cristã, imprime seu lugar discursivo por meio da comida tipicamente paraense, herança indígena muitas vezes silenciadas e que tornam a emergir diante de festas como o Círio, também conhecido como o natal dos paraenses. Entende-se, então, que a resistência ao poder colonizador europeu materializa-se por meio de nossas raízes indígenas.

A influência destes povos indígenas, porém, ainda hoje é bastante evidente nas práticas cotidianas dos moradores de Belém. Se não podemos vê-la materializada na arquitetura dominante nos centros históricos, podemos pensá-la, por exemplo, no tradicional almoço paraense que acontece depois da procissão do Círio de Nazaré, com vários pratos regionais, regados ao molho de tucupi, bastante associados à culinária indígena. (NEVES, 2015, p. 32)

Nessa mesma perspectiva, os sabores considerados positivos são publicados junto à legenda “SE NÃO TIVER AÇAÍ NA CEIA NEM ME CHAME”, o que entoa a importância desse item alimentar para os paraenses, um produto regional que ganha cada vez mais espaço na culinária nacional. Prova disso são os inúmeros programas de televisão que abrem espaço para a culinária paraense, levando ao Brasil algo muitas vezes considerado exótico, uma vez que o sabor europeu foi normalizado como nacional, enquanto o que é efetivamente das terras nacionais insurge como novidade.

Nesse alinhamento de “novidade”, a midiaticização da culinária paraense ganha proporções maiores ao analisarmos a presença desse traço cultural como algo novo, algo que irrompe como acontecimento, assemelhando-se a uma descoberta interna, pois a mídia brasileira parece começar a conhecer sua própria cultura. A ideia de colonialismo interno alicerça a noção de que a seletividade da mídia se concentra nos centros culturais do Sul-sudeste do país, ao Norte cabe o estranho, o diferente, o espetacular, o fantástico. Tanto que adentra os lares brasileiros como o enunciado *“Tem muitas frutas diferentes aqui então os sucos e os sorvetes são muito diferentes. Ainda estou na fase de experimentação, então estou provando todos ainda. Tudo é gostoso né?”*.

O exótico, o diferente, aquilo que ainda precisa ser provado, experimentado dá o tom de heterotopia que o próprio Brasil tem, uma marca que discursiviza as diferenças históricas de não pertencimento, como se Norte fosse apartado do restante do país. Esse atravessamento de imaginário se repete como uma regularidade enunciativa, ao mesmo tempo em que reverbera a dispersão cultural que tanto hierarquiza e subalterniza os traços nortistas.

globo.com | g1 | globoesporte | gshow | famosos & etc | vídeos

gshow TV LIBERAL

Angélica grava em Belém e se apaixona pela culinária paraense

A apresentadora elogia o colorido da cidade e seus sabores exóticos.

Por André Marques e Adriana Carneiro
23/08/2017 11:05 - Atualizado em 25/08/2017 13:00

Angélica em um dia mágico paraense (Foto: Globo/Leoniro Sanches)

Em visita a Belém para gravação da nova temporada do **Estrelas**, que estreia no dia 26/08, Angélica elogiou o colorido da cidade, se apaixonou pela culinária paraense e principalmente pelos sabores de sorvetes e doces exóticos.

ÓRAMA
onde falar de dinheiro rende
abra sua conta

"Tem muitas frutas diferentes aqui então os sucos e sorvetes são muito diferentes. Ainda estou na fase de experimentação, então estou provando todos ainda. Tudo é gostoso né?"

A apresentadora recebeu quitutes dos fãs paraenses e comentou sobre sua expectativa ao voltar para casa.

Figura 18: Matéria do Portal Gshow sobre culinária paraense

Nessa matéria publicada no site Gshow fica evidente a visibilidade dada à culinária paraense a partir do novo. A apresentadora de uma rede de televisão nacional visita à capital paraense e se apaixona pela culinária, como num ato de descoberta que permite à cultura do estado se tornar visível, convidativa, autorizada como parte do cardápio nacional. Aos poucos, os programas de televisão em rede nacional se apropriam do paladar paraense como num ritual de legitimidade do sabor do Pará, exibindo que o exotismo de seus sabores agora é um novo percurso de descobertas e, ao serem manuseados pelos grandes chefes, tornam-se iguarias de valor, diferente de quanto estavam apagados pela mídia que hoje se sustenta de explorar suas potenciais colônias culturais.

2.5. (Re)Virando as páginas

Ao pensar na discussão e análise dos memes publicados em páginas do Facebook para este trabalho, um dos primeiros passos foi o de selecionar aquelas em que a produção desses

discursos era mais intensa. Diante dessa tarefa, pude ter acesso a diversas páginas que mostram o que é ser paraense ou belenense dentro dessa construção subjetiva tão complexa. De um lado, a eleição do ser “paraense” na maioria das páginas, tomando a territorialidade cultural mais genérica e alinhando todos os sujeitos desse lugar tão heterotópico sob a mesma identidade, por outro lado, a visibilização majoritária de práticas e de sujeitos de Belém, assinalando a centralidade da capital no que diz respeito ao conjunto heterogêneo do Estado. Assim, estabelece-se um conflito colonial interno que aparenta considerar o Pará como concentrado em sua capital, invisibilizando as demais regiões e seus traços peculiares. Além disso, busquei compreender o quão enfático o nome delas é ao tentar se aproximar dessa pertencimento, ao se legitimar como parte desse conjunto enunciativo.

Como páginas, em geral há uma temática predominante de versar sobre humor, produzindo enunciados para e sobre certos sujeitos. Pensando enquanto práticas discursivas, essas páginas demonstram um espaço virtual de pertencimento, no qual os seguidores se alinham enquanto sujeitos históricos, um espaço de congregação de saberes, de identidade, de histórias e memórias, que marcam regularidades do dizer, atualizando noções muito particulares sobre uma condição histórica no presente. Elas são responsáveis por constituir uma espécie de memória biográfica coletiva, exercendo socialmente diferentes relações de poder, uma vez que ali estão diferentes sujeitos, de diferentes perspectivas, de diferentes histórias e até mesmo regiões do Brasil e do mundo, sob a figura do administrador da página. As pessoas estão reunidas em torno dessa “mesa” cultural na qual bebem formas midiáticas alternativas de legitimar as memórias suas e do outro.

Há nelas um estatuto de funcionamento enunciativo particular, é além de espaço de humor, é espaço de convergência de práticas culturais, nas quais se fala de comida, dança, etnia, música, festas, ônibus, moradores, histórias, memórias, saberes e poderes. As páginas são responsáveis por agregar valores sociais e por reunir sujeitos que praticam novas formas de dizer, assumindo ou negando formas de identidade. As páginas, enquanto práticas discursivas, obedecem a um sistema próprio de formação enunciativa, desenrolando uma narrativa singular sobre o presente de Belém, no qual esse sistema delinea

... o sistema de regras que teve de ser colocado em prática para que tal objeto se transformasse, tal enunciação nova aparecesse, tal conceito se elaborasse, metamorfoseado ou importado, tal estratégia fosse modificada - sem deixar de pertencer a esse mesmo discurso; e o que delinea, também, é o sistema de regras que teve de ser empregado para que uma mudança em outros discursos (em outras práticas, nas instituições, relações sociais, processos econômicos) pudesse ser transcrita no interior de um discurso dado, constituindo assim um novo objeto, suscitando uma

nova estratégia, dando lugar a novas enunciações ou novos conceitos. (FOUCAULT, 2012, p. 88)

Assim, as páginas funcionam como transcrições de uma dada realidade, reconstituindo esse objeto, no caso a subjetividade do paraense, por meio de mudanças nos mecanismos enunciativos, nas escolhas das linguagens, nas formações de seus discursos, como forma estratégica de enunciar um certo novo, uma atualização dos conceitos já constituídos sobre o que é ser paraense.

Além disso, há formas de capitalização monetária, vendem-se camisas, canecas, marcam-se festas e fazem-se transmissões ao vivo com músicas marcantes para legitimar e atualizar os traços culturais desse heterotópico estado. Em seguida, faço um breve resumo de algumas páginas e ofereço alguns dados disponíveis sobre suas constituições, como traços específicos de uma prática social, cultura e histórica de uma micro narrativas, de uma espécie de fotonovela da atualidade regional.

“M0nt4g3ns b3l3m”, Belém da Depressão, Chewbacca Paraense, Paraenses na Depressão e Paraenses no Desespero são páginas que atravessaram meu percurso de pesquisa. O sucesso dessas páginas pode ser verificado pelo seu número de seguidores, que, juntas, totalizam mais de 337 mil curtidas²². São publicações quase diárias de eventos do cotidiano de Belém, do Pará, do Brasil e do mundo, correlacionados a um humor crítico-satírico, criando uma rede de significações que atraem aqueles que conhecem e convivem com as práticas desse povo.

A primeira delas conta com 114.950 curtidas²³, sua descrição consta como uma “PAGE DE ZU3R4 C4BUL0Z4S DOS PA” e se classifica como um site de entretenimento. Suas fotos de perfil e capa privilegiam figuras paraenses famosas nos cenários regional e nacional, com as cantoras Fafá de Belém e Gabi Amarantos, além de Djs de aparelhagens, que são estruturas sonoras muito grandes e que são conhecidas por serem atração principal em festas pelo estado.

²² Dados referentes à data de 21 de junho de 2018

²³ Dados referentes à data de 09 de julho de 2018



Figura 19: Perfil da página Mont4g3ns b313m

Já a página Busão Zueiro, lançada em 16 de junho de 2016, conta com 7.887 curtidas. Suas publicações chamam a atenção por sua centralidade temática sobre um dos maiores problemas da capital paraense, o transporte público. Desde a demora para sua passagem até caminhos longos demais para realizar uma viagem, a página publica memes que dialogam diretamente com os usuários de transporte da cidade. Em sua descrição, ainda são visibilizados eventos muito comuns durante as viagens, como o comércio e intervenções de caráter social. “Aturar todos os dias vendedores de balas de Gengibres pra dá um jeito na sua guariba! Crokíssimo's e pregação dos Vasos de Honra e Manassés.”. A associação entre o consumo de balas de gengibre e a cura da “guariba” (nome popular local dado à tosse intermitente) e a citação a entidades sociais como “Vasos de honra” e “Manassés” demonstram a localidade da página e como a condução no transporte público é atravessada por situações típicas de Belém.

Além disso, as imagens que representam o perfil personificam contundentemente a capital, uma vez que a figura do prefeito Zenaldo Coutinho aparece dirigindo um ônibus, e o rosto do governador do Pará substitui o da Pequena Sereia Ariel, numa referência dúbia tanto ao transporte fluvial do estado, quanto às situações constantes de alagamento em que ônibus precisam andar por ruas invadidas pela água durante o período de chuvas da cidade.

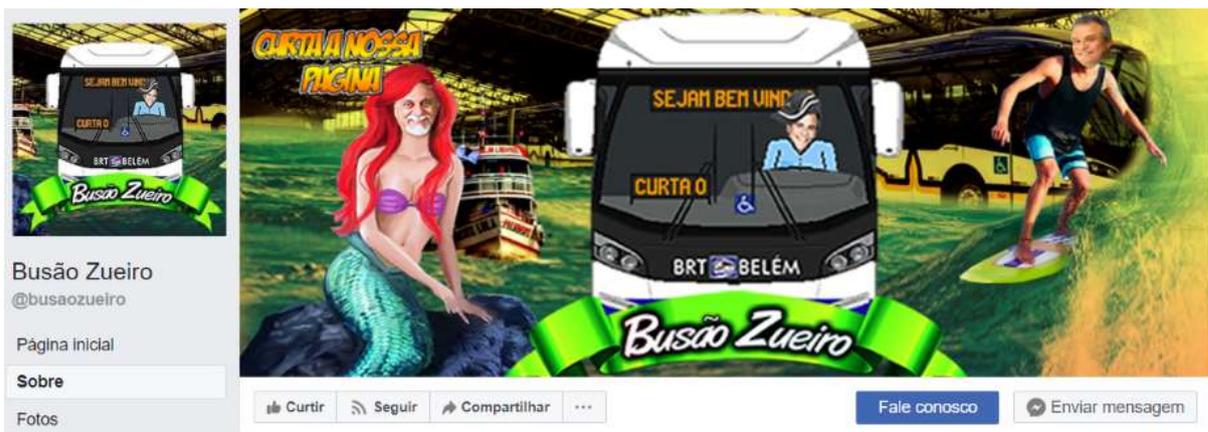


Figura 20: Perfil da página Busão Zueiro

A página Chewbacca Paraense foi apagada por um de seus administradores em 2016, era uma das mais populares e produtivas ao falar sobre Belém e do Pará. No entanto, para dar continuidade à página, outro de seus administradores resolveu recriar o trabalho, assim, a página tem 2.567 curtidas e publica pouco quando comparado ao volume da página anterior. Sua foto de perfil alude à famosa figura da franquia Star Wars usando óculos com lentes de cores extravagantes, assim como a pintura em seu cabelo.



Figura 21: Perfil da página Chewbacca Paraense

Em sentido contrário às poucas curtidas da Chewbacca Paraense, a Paraenses na Depressão consolida-se como uma das mais fortes e produtivas no cenário do estado. Datando seu início em maio de 2012, a página possui 169.561 curtidas, realiza transmissões ao vivo pela internet e ainda comercializa itens como camisas com frases e imagens características do estado. Sua discreta foto de perfil estabelece um jogo visual entre as letras “p” e “d”, mas estabelece relação direta com a capital paraense ao escolher fotos de cenários reais para criar sua

identificação com Belém, incluindo o mercado de ferro do Ver-o-peso, obra simbólica da colonização francesa na capital.



Figura 22: Perfil da página Paraenses no Desespero

Por fim, a página Paraense no Desespero contabiliza 45.367 curtidas e é descrita como “Esta página buscar o entretenimento de todos os nossos fãs, buscando de forma bem humorada retratar o dia-a-dia no nosso estado.”. A busca pelo humor é a tônica corrente dessas páginas, mas sua dimensão social e política é muito marcante na seleção de suas imagens de perfil. O jovem negro, vestindo camisa do Pará, com cabelo pintado e cavanhaque loiro evocam a jovem da periferia que subjetiva o olhar da página sobre a cidade. Aliado a isso, a foto de capa rememora a colonização francesa, tal como a Paraenses na Depressão, legitimando a memória da *belle époque* como marco simbólico de transformações na cidade. Aqui temos, de forma muito contundente, a continuidade dessa forma de poder que, inconscientemente, se mantém viva e atualizada na memória do morador da cidade.



Figura 23: Perfil da Página Paraenses no Desespero

2.6. Malaco: a subjetividade da periferia de Belém

Um acontecimento, entretanto, se insurgiu como muito visível nas pesquisas sobre as páginas e mereceu maior atenção em relação às análises envolvendo as subjetividades sobre Belém, o enunciado “malaco” e toda a complexidade discursiva que o envolve. Isso acontece em virtude de as duas maiores páginas que falam sobre Belém terem nessa figura sua base identitária. Com 226 mil seguidores, a página **Malaco Intelectual**, criada em 1 de agosto de 2013, é a segunda maior sobre memes que falam de Belém. Suas publicações têm uma grande variedade temática e colocam em evidência um discurso sobre a periferia da capital paraense. Nesse mesmo caminho temático, a página **Malaco do Bem**, criada em 10 de setembro de 2015, é a mais seguida, com 295 mil curtidas. Com alta interação com público por meio das chamadas *lives*, a página apresenta uma espécie de rádio ao vivo para tocar músicas de ritmos típicos como bregas marcantes e tecnomelody.

Em ambas, há a referência a uma figura muito peculiar no nome da página, o que me levou à necessidade de compreender o que ela significaria, quem é o Malaco, a sua relação com o sucesso das duas maiores páginas que tematizam Belém e de que forma está vinculado à cidade. Iniciei então uma busca incessante para saber quão belenense o Malaco é, e constatei, por meio de conversas informais, que o nome não é comum em outros estados do país e municípios paraenses.

É preciso, contudo, ter alguma definição sobre esse sujeito social, que atravessa o imaginário de Belém e permite que seu nome esteja vinculado a um sucesso tão grande em redes sociais. Em primeiro lugar, em algumas conversas com moradores de diferentes bairros da cidade, constatei que o nome está relacionado a um jovem da periferia, com um conjunto de traços socioculturais muito particulares. Em suma, um jovem que tem cabelo raspado ou pintado de loiro, que usa óculos estilo “mosca”, vestuário que imita marcas caras e gosta de um estilo musical chamado tecnomelody.

Por outro lado, é preciso salientar que essa conotação é variável, quando confrontamos esse sujeito com o espaço fora da periferia, geralmente ele é associado a alguém ligado a práticas criminosas, como assaltos. Nesse momento, aproveito para destacar meu lugar de fala, meu olhar de pesquisador e morador de Belém que, pertencendo a um grupo social diferente daquele do Malaco, está mais próximo dessa noção criada pelo sujeito da não periferia. Isso, obviamente, não me coloca no lugar de alguém que pertença à elite, mas que, em virtude de inúmeras circunstâncias (acadêmicas, profissionais, residenciais), também não me insere como

alguém que pertença à periferia. Portanto, falo como um pesquisador externo à periferia, que busca, pela voz de alguns de seus moradores, constituir uma noção do que seja o Malaco.

Outro ponto fundamental para a pesquisa é o fato de que residentes externos à cidade de Belém, dentre os locais pesquisados, apontam para o desconhecimento do termo. O que revela o interessante dado sobre uma possível e legítima subjetividade de Belém, uma vez que, perguntados sobre conhecer a palavra Malaco ou sobre o nome dado à figura da periferia da cidade e que em geral está associada à prática da criminalidade, apenas alguém que já residiu em Macapá – AP e outro de Capanema - PA afirmaram conhecer a palavra e que ela designa essa figura também. Ao contrário disso, a maioria dos dados obtidos sobre outras cidades dentro e fora do Estado do Pará demonstra desconhecimento do termo e indica outros próprios para designar esse sujeito.

Manaus, Amazonas	Galeroso
Fortaleza, Ceará	Pirangueiro
Curitiba, Paraná	Vileiro
Florianópolis, Santa Catarina	Casqueiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro	Cracudo
Brusque, Santa Catarina	-----
Palmas, Tocantins	Trombadinha/Maloqueiro
São Paulo, São Paulo	Nóia
Marabá, Pará	Pila
Currálinho, Pará	Latrol

Tabela 1 – Nomes dados ao Malaco em outras cidades

Alguns dados são interessantes para a percepção de como os termos revelam aspectos sociais mais amplos. Em Curitiba-PR, o termo “Vileiro” deriva de “Vila”, nome dado às áreas que se constituem de forma mais periférica na cidade. Já em Brusque-SC, a ausência de um termo para essa categoria social indica os baixos índices de violência registrados na cidade, dado este confirmado por recente pesquisa do Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas – IPEA – que coloca o município catarinense como o menos violento entre as cidades com mais de 100 mil habitantes²⁴. De forma oposta, segundo informações de um morador de Bangu, o

²⁴ Dados obtidos em <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2018/06/brusque-sc-lidera-lista-de-cidades-mais-pacificas-do-brasil-diz-pesquisa.html>

nome “Cracudo” se refere àquele que comete furtos munido de arma, quando não a tem, chama-se “Cracudinho”. Outros termos como “Radinho”, “Coió”, “Correio” evidenciam não apenas a presença da violência, mas sua hierarquização, demonstrando diferentes sujeitos sociais na constituição da violência carioca.

Longe de ser uma pesquisa sociolinguística quantitativa, minha intenção ao apresentar esses nomes é permitir a visualização da diversidade de termos que se relacionam ao perfil social daquele que em Belém é conhecido como Malaco. Em geral, ele é visto como alguém que tem um estilo de vida próprio, um jovem da periferia que busca legitimar uma identidade que se distancie daquela produzida pelo jovem morador do centro, o “playboy”. Suas roupas, cabelo, gosto musical, festas produzem uma subjetividade muito particular e que me interessa como norteador para a compreensão do sucesso das duas páginas citadas.

Para a pesquisa, é a visibilidade percebida pela tentativa de subversão dessa marca negativa que o Malaco tem, pois, uma vez pertencente à periferia, a relação com o centro o coloca como a figura marginalizada e que comete crimes, o que nem sempre é verdadeiro, mas que clarifica um jogo de poder pelos sujeitos do centro sobre os da periferia. Ao serem visibilizados pela *web*, os malacos tornam-se sujeitos que adentram virtualmente os espaços da elite e do centro, concorrem para a ocupação de um lugar social que permite sua participação na construção dos discursos sobre a sociedade em que vivem.

Não à toa “Malaco Intelectual” e “Malaco do bem” se constroem linguisticamente a partir de modificadores nominais de valor positivo. “Intelectual” e “do bem” reivindicam a imagem positiva desses sujeitos, imprimido ao nome “Malaco” uma reorientação sobre seu valor social, o qual, principalmente fora da periferia, está vinculado ao negativo da criminalidade. Essa mesma consideração está muito bem marcada na construção visual da página.



Figura 24: Perfil da página Malaco Intelectual

A foto de perfil usa a imagem de Alanzinho Maniçoba, um jovem que se destacou na mídia regional em virtude de sua prisão e que, durante entrevista, afirma-se como “bandido”, alguém que busca a vingança de seus rivais, que mata e rouba por não ter oportunidades e que fez pacto com Exu Caveira e Zé Pilintra, entidades ligadas à Umbanda. Ao final dessa entrevista, o mesmo canta um rap cuja letra destaca “Eu queria mudar/O meu mundo me ensinou ser assim”. Sua projeção pode ser verificada pelas mais de 5,2 milhões de visualizações desse vídeo na plataforma Youtube²⁵, que já tem mais de 6 anos de publicação.

A figura controversa do criminoso confesso que canta pelo desejo de mudança enseja a construção do sujeito dual, composto de duas características em geral distintas. O que me permite compreender a sua imagem sobreposta de um cachimbo e de óculos. O primeiro enunciado remonta a duas possibilidades interpretativas nesse conjunto enunciativo, a do objeto ritualístico da tradição umbandista, já que o sujeito entrevistado faz referência às figuras de Exu Caveira e Zé Pilintra, pertencentes a essa tradição; assim como também permite significá-lo como objeto do homem adulto, pensador, intelectualizado, como destaca o nome da página, o que é corroborado pelos óculos utilizados na imagem. Ambos os símbolos se reconstruem em significações sociais capazes de legitimar essa identidade intelectualizada do Malaco.

Para além da foto de perfil, a foto de capa exhibe dois homens que aglomeram dois sentidos sociais constituídos historicamente em valores contrários. O homem negro, de óculos escuro espelhado, com touca e/ou boné na cabeça é conjugado ao livro e ao terno, símbolos de uma elite intelectualizada, formalista, de eminência social. Atravessam-se duas subjetividades que, juntas, constituem uma enunciação fraturada (MIGNOLO, 2003) sobre o Malaco, que tem, ao fundo, uma biblioteca, o espaço simbólico da intelectualidade, instituindo ao Malaco sua característica secundária demarcada pelo termo adnominal do título da página. Além disso, um deles segura um livro intitulado “O menino que roubava celulares”, o qual restitui em nossa memória cultural a obra “A menina que roubava livros”, de Markus Zusak, publicado em 2005. No entanto, o objeto do roubo pela menina do livro é substituído pelo menino que rouba celulares, numa clara referência à imagem social construída do malaco como o assaltante.

A descrição da página reforça algumas ideias sobre a projeção desse sujeito em meio ao ambiente virtual: “Sou um malaco criado nas quebrada da vida ta ligado ? Mas sou sujeito homem e com cultura. Famoso professorzinho da TF, sempre ensinando tudo sobre a profissão LADRÃO. Formando desde cedo os melhores profissionais do ramo da BANDIDAGEM.”

²⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=euFzBPrAPXY>.

Ao afirmar que é “criado nas quebrada da vida”, o sujeito é construído nas áreas periféricas, em que a marginalização social é um processo constante, uma vez que esses moradores estão às margens daquilo que a sociedade molda como sendo valorizado. As “quebrada da vida” são esses lugares da sociedade em que, alheio aos bens de consumo, culturais e de educação da elite, se constrói uma vida própria, como outra possibilidade de existência e de construção social. O uso de uma variedade estigmatizada da língua exemplifica um desses traços, quando esse sujeito marca o plural apenas no determinante em “*nas quebrada*”, marca típica de representação da falta de escolaridade alicerçada em aspectos linguísticos. Além da expressão “Tá ligado?”, como forma de representar uma identidade linguística entre os sujeitos desses grupos sociais e que demarca a interação direta com o interlocutor, buscando sua adesão e participação sobre as verdades asseveradas nesse discurso.

Ao dizer “Mas sou sujeito homem e com cultura”, esse sujeito inaugura uma quebra com as expectativas geradas com o fato de ser “das quebrada da vida”, uma vez que afirma ser alguém adulto, com responsabilidades e maturidade, já que utiliza a expressão “sou sujeito homem”. Por outro lado, “com cultura” mostra o quanto a visão sobre a marginalização pela elite não lhe tira a possibilidade de ter e de pertencer a uma cultura diferente da elitizada, o que indica sua concepção de que a cultura está relacionada às práticas sociais dos sujeitos, sejam eles da elite ou “das quebrada da vida”.

Ao se intitular “Famoso professorzinho da TF, sempre ensinando tudo sobre a profissão LADRÃO”, esse sujeito demarca uma posição hierárquica dentre de seu grupo, por meio da palavra “professorzinho”, no qual o diminutivo pode indicar uma desqualificação em relação ao professor investido do saber acadêmico, ou seja, um professor com valor científico menor em virtude de não ser formado em universidade e de agir nas áreas marginais da cidade, pois ele ensina a “profissão ladrão”. Outra marca clara é registrada por meio da sigla “TF”, representante do bairro da Terra-Firme, um dos maiores de Belém quando se trata de questões que vão desde os números da criminalidade até mesmo à população e sua produção cultural. O que se apresenta é uma clara marca de identidade social, com status e geografia particulares, já que esse “famoso” não é de qualquer lugar e nem de toda a Belém.

Por fim, em “Formando desde cedo os melhores profissionais do ramo da BANDIDAGEM.”, vemos a nítida relação histórica desse sujeito com as atividades descritas acima. Este é um sujeito que tem o papel de formar, embora não nos moldes acadêmicos, os ditos “profissionais” da área da bandidagem, aqui encarada como traço cultural da periferia e que se mantém como tradição entre esse grupo.



Figura 25: Perfil da página Malaco do Bem

Diferente da página Malaco Intelectual, a Malaco do Bem não produz uma descrição tão subjetiva, apenas diz “Basta curtir e compartilhar, o resto deixa com o malaco. e nosssssssss”. Mais uma vez, a marca linguística se faz presente, legitimando um registro linguístico comumente associado à baixa escolaridade, usando uma variedade calcada no diálogo com a comunidade a partir do coletivo “é nós” e, ao repetir a letra “s”, indica o fonema “chiado” característico do falar de Belém ao marcar formas plurais.

A foto de perfil coloca o jovem com óculos espelhados, cujo rosto é escondido por um pano, fomentando a imagem da criminalidade, daquele que não mostra o rosto para esconder sua identidade. Um processo de apagamento e visibilidade simultâneas, uma vez que se apaga o cidadão comum e se põe visível a figura do Malaco. Aliado a isso, a foto de capa demonstra o cunho político-social da página, ao apresentar as *hashtags* #BELÉMPEDEPAZ e #PARÁPEDEPAZ, constituindo assim um discurso contra a violência, o qual é comumente associado também à figura do Malaco. Quer dizer, ao mesmo tempo em que é associado à criminalidade, a página vale-se desse contra-discurso para pedir menos violência, artifício que o coloca como um sujeito de dupla interpretabilidade, que está situado num lugar social, mas que ao mesmo tempo se manifesta em outro.

A diferença colonial cria condições para situações dialógicas, nas quais se encena, do ponto de vista subalterno uma enunciação fraturada como reação ao discurso e à perspectiva hegemônica. Assim, o pensamento liminar é mais do que uma enunciação híbrida. É uma enunciação fraturada em situações dialógicas com a cosmologia territorial e hegemônica. (MIGNOLO, 2003, p.11)

Em ambas as páginas, o sujeito malaco está fraturado, pois, ao integrar a periferia, colocando pelas relações sociais como subalterno ao espaço central, ele próprio é capaz de enunciar à partir da perspectiva hegemônica, seja se colocando junto à biblioteca ou pedindo paz. O Malaco, nessas páginas, não é construído apenas sob um hibridismo identitário, ele fratura enunciações ao romper de forma nada pacífica com os limites desses lugares sociais,

colocando-se no entrelugar, ocupado os dois e instituindo a si próprio uma cosmologia tanto subalterna como hegemônica.

2.7. (Contra) Ordens Discursivas: Saberes e Poderes

Pensar Belém a partir de sua perspectiva colonial histórica significa buscar a maneira como são consolidadas relações de poder. Dessa forma, é preciso compreender que a legitimação desse poder se dá pelo intermitente conflito entre as plurais verdades que constituem as mentalidade sociais. A fim de verificar essas relações, busco agora analisar como são construídas, nos memes, algumas práticas culturalmente estabelecidas como pertencentes ao povo de Belém, num movimento discursivo que coloca em cena um confronto dessas práticas a ordens científica e midiaticamente institucionalizadas, instituindo, assim, aquilo que Foucault chama de vontade de verdade.

Ora, essa vontade de verdade, como outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído. (FOUCAULT, 2014, p. 16-17)

O que se tem nos memes a seguir é o estabelecimento de uma “contraordem” do discurso, uma “nova” ordem que se institui a partir de uma sociedade que, deliberadamente, assume o papel de instituição social capaz de fugir às ordens científicas e midiáticas solidificadas e legitimadas para suas próprias verdades. Nossa análise é comparativa, a fim de que possamos entrever os discursos circulantes de forma conjunta, inter-relacionada, demonstrando assim os memes como processo de multiplicação cultural do discurso.

Partindo da Análise do Discurso como uma linguística interpretativa e não apenas descritiva, entendemos o seu lugar teórico como central para compreender a maneira pela qual os sujeitos se constituem social e historicamente. Não é apenas pensar a língua como estrutura rígida, mas ir além dela, como uma fronteira interdisciplinar privilegiada para compreender a produção social de sentidos, como é possível observar a seguir.



Figura 26: Meme sobre previsão do tempo da página Malaco do Bem

A figura 26 é um meme extraído da página Malaco do Bem em que se observam enunciados verbais e visuais nos quais se confrontam visões de mundo distintas, saberes que buscam legitimar vontades de verdade. O que se tem é o anúncio temático acerca do saber “Previsão do Tempo”, cujo valor de verdade está associado ao saber científico. Logo, é ele quem tem poder social para validar afirmações. Qualquer outra forma de interpretação do tempo estará fora dessa ordem, sofrerá interdição.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (FOUCAULT, 2014, p. 9)

O meme é dividido horizontalmente em duas cenas, a superior indica um cenário de jornal televisivo, dentro do qual um quadro é dedicado à previsão do tempo. Ali se coloca alguém com autoridade jornalística para, com dados legitimados pela Meteorologia, afirmar sobre o tempo em vários estados do país. Colocam-se em evidência dois saberes que, investidos de autoridade social, representam a ordem científica valorizada como discurso de verdade. São dois lugares de discurso que ganham visibilidade midiática para induzir a um saber, logo, um poder sobre uma forma de verdade e que exclui, deslegitima outras ordens de saber.

No entanto, essa legitimidade é questionada pelo enunciador, uma vez que um sinal que indica um gesto manual de negativo, em vermelho, assume a oposição da página em relação a esse valor de verdade. Então, institui-se uma outra ordem, um outro saber que, legitimado pelas reações à publicação (4,7 mil curtidas e 5.597 compartilhamentos), autoriza outra ordem de saber. A metade inferior da imagem enuncia a figura paraense por meio da cantora Dona Onete²⁶, cuja projeção nacional aconteceu em virtude de sua música que, ao falar sobre elementos tipicamente regionais, vale-se da seguinte afirmação: Urubu sobrevoando/Eu logo pude prever/Parece que vai chover.

Esses três versos compõe, junto à imagem de Dona Onete, a contraordem à hegemonia do saber científico. Nele, justaposto ao sinal indicativo de positivo, o enunciador assinala a existência de outro saber, não científico, mas válido diante de condições específicas de enunciabilidade. O saber não legitimado, não reconhecido, é resultado um processo histórico que tem como tática o silenciamento de saberes que estão fora dessa ordem ideologicamente dominante. É o que Foucault (2005) denomina de saberes sujeitados.

[...] por “saber sujeitado”, entendo duas coisas. De uma parte, quero designar, em suma, conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais.

[...]

Portanto, os “saberes sujeitados” são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pode fazer reaparecer pelos meios, é claro, da erudição.

Em segundo lugar, por “saberes sujeitados”, acho que se deve entender outra coisa e, em certo sentido, uma coisa totalmente diferente. Por “saberes sujeitados”, eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. (FOUCAULT, 2005, p. 11-12)

Ao mobilizar saberes regionais para fazer a previsão da chuva, o meme da figura 26 coloca em evidência a coexistência de discursos que se antagonizam. Notadamente, o saber não científico é um saber sujeitado, uma vez que ele se constitui dentro de um bloco de saber desqualificado pela ordem hegemônica, considerado insuficiente para afirmar algo sobre o tempo, o clima. No entanto, é esse saber regional que ganha estatuto de verdade, uma vez que o meme apresenta a essa perspectiva como “boa”, “positiva”, “verdadeira”.

²⁶ O clipe da música “No meio do Pitiú” tem, até a data de 27 de fevereiro de 2018, 5.389.973 visualizações na plataforma Youtube. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CkFpmCP-R04>.

Nesse sentido, forjam-se subjetividades do paraense a partir de um saber não científico, ocidental. Uma cosmologia de saber diferente que se coloca legítima a partir da visão do próprio paraense, com suas tradições e heranças culturais indígenas.

Fora dos arquivos oficiais da história ocidental, as narrativas orais e as representações indígenas, de forma geral, serão também consideradas como manifestações religiosas ou artísticas. De certa forma, ainda hoje, estas representações continuam figurando nestas rubricas, de arte ou religião. Ainda se fala pouco sobre o conhecimento indígena. Ou, como preferem alguns, para marcar o deslocamento das epistemes ocidentais, fala-se pouco dos saberes indígenas. (, 2009, p. 113)

É nessa rubrica de arte ou religião que são instalados os saberes minorizados pelo discurso científico, se não é ciência, não é saber. Muito mais ainda quando, de uma perspectiva regional, a história do Pará se alicerça na cultura indígena, um saber sepultado pelas invasões europeias no continente americano durante as grandes navegações, cuja exploração extirpou desses sociedades o direito ao reconhecimento amplo de suas formas de verdade, com a imposição de um saber ocidental, moldado pela religião e subalternização de suas práticas culturais.

Para entender o funcionamento desses processos de silenciamento e visibilidade, teremos de compreender a mídia como um dispositivo, pois

Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. (GREGOLIN, 2007, p. 16)

A mídia tradicional, jornalística, de entretenimento, dos grandes conglomerados comunicativos, como um lugar, até um certo momento de nossa história, hegemônico da informação, repete verdades que circulam cotidianamente por meio de suas plataformas televisivas, radiofônicas, impressas e virtuais. É esse conjunto de mecanismos que funcionam para cercar a sociedade numa harmônica sinfonia de verdades selecionadas e que sancionam outros saberes diferentes do científico. A mídia, tentacularmente, fixa suas raízes na história das sociedades como forma de se apropriar de verdades e disseminá-las, é quem guarda um feixe de memória, capaz de silenciar outras que não interessam ao jogo do poder.

É uma arquitetura fluida e muito bem articulada que dimensiona a heterogeneidade de práticas discursivas e não discursivas responsáveis por constituir as subjetividades num dado momento histórico. A mídia, então, não é um meio de informação apenas, ela é parte dessa

instituição de saber e poder na ordem social, um dispositivo. Para explicar a ideia de “Dispositivo”, Foucault (2015) afirma,

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2015, p. 430)

Posto isso, entende-se a multilinearidade desse dispositivo, que reverbera, por meio de diferentes práticas, uma ordem que se alinha a uma legitimidade de poder. Dentre eles, o poder do Estado em estabelecer normas de condutas sobre os sujeitos, como em leis que ditam comportamentos e que tem, na veiculação de discursos publicitários, sua manifestação evidente de funcionamento do dispositivo midiático.

A Figura 27 apresenta uma campanha do Governo Federal, veiculada no início do ano de 2017, cujo mote polêmico se alicerçava em “Gente boa também mata”. Assim, constituíam-se sujeitos comuns, de atitudes boas, como capazes de fazer o mal em virtude de um mau ato de trânsito.



Figura 27: Campanha do Governo Federal

O discurso institucional e normalizador do Governo Federal é midiaticizado, colocado a público para fazer disseminar um conjunto de ideias sobre as pessoas em meio a uma situação negativa, capaz de levar o outro à morte. Assim, institui-se uma verdade que, embora contestável ao ponto de gerar repercussão negativa na sociedade, foi investida de um poder para afirmar sobre atos de trânsito, a partir de um modo institucionalizado de enunciar, uma vez que o poder público tem notório e reconhecido saber-poder social para indicar comportamentos e práticas sociais.

A partir dessa mesma perspectiva discursiva, a página Paraenses na Depressão publicou em 4 de janeiro de 2017 um meme alusivo ao discurso do Governo Federal, criando um outro regime de verdade acerca das práticas alimentares no Pará. O açaí é um dos traços culturais mais fortes das práticas do paraense, tendo grande visibilidade nas publicações de páginas sobre o Pará. Tal força está expressa no alto índice de interações com essa publicação, uma vez que foram 3 mil reações e 6.615 compartilhamentos.

Essas ferramentas são “uma ação positiva, no sentido de gerar valores de capital social e agregar esses valores à relação entre os atores envolvidos.” (RECUERO, 2014, p. 120). Além disso, tem-se, nos compartilhamentos, um artifício de aceitação mais ampla sobre esse conteúdo

²⁷ Fonte: <http://www.midiamax.com.br>.

discursivo, uma vez que esse ato demonstra a efetiva transmissão de tais conteúdos a outros sujeitos da rede. Isso significa não apenas uma concordância com o conteúdo, mas a intencional visibilidade dada a ele, ampliando o seu alcance.

Os comentários, por sua vez, são as práticas mais evidentemente conversacionais. Trata-se de uma mensagem que é agregada através do botão da postagem original, é visível tanto para o autor da postagem quanto para os demais comentaristas, atores que “curtam” e compartilhem a mensagem e suas redes sociais. (RECUERO, 2014, p. 120).

O que revela o fato de que os sujeitos sociais se reconhecem e agem sobre os discursos publicados, legitimando uma vontade de verdade acerca das práticas alimentares do paraense. Nesse discurso, a mídia age mais uma vez, por meio de redes sociais na internet, para alcançar seu público e nos coloca diante de uma ordem discursiva que coloca como verdade, dentro de determinadas condições de possibilidades históricas.



Figura 28: Meme sobre o consumo do açaí na página Paraenses na Depressão

Nesse outro exemplo a ser analisado, a imagem da cantora paraense Joelma é o enunciado visual que já constitui o Pará como lugar de discurso. Aliado a isso, o enunciado verbal “Quem põe granola no açaí, mata um paraense por dia” funciona como forma de legitimar uma prática de consumo como aceitável e outra como não aceitável. O que indica o fato de que o próprio paraense institui uma ordem para que se possa consumir um produto regional. Tudo o que possa fugir a isso é tomado como errado, ao ponto de levar aquele que consome o açaí de forma errada à morte.

Trata-se de um discurso que sanciona formas de consumo que divirjam da norma paraense. Um forma de interdição que se fundamenta numa identidade regional, que permite, aos paraenses, legitimar, autorizar uma norma de consumo do produto.

Desta vez, não se trata de dominar os poderes que eles tem, nem de conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso ou se não for, de início qualificado para fazê-lo. (FOUCAULT, 2014, p.34-35)

O açaí é um símbolo da cultura paraense, no qual estão imersos costumes e marcas históricas de constituição subjetiva. Ser paraense é, no meme da figura 28, não consumi-lo com granola, o que busca desautorizar qualquer paraense a ingeri-lo dessa forma, e mais, quem assim o faz é marcado negativamente como um não-paraense, responsável, inclusive, pelo cometimento de um crime, pois, diferente da campanha do Governo Federal que modaliza o crime por meio da expressão “pode matar”, o meme institui ao consumo de açaí com granola o crime efetivo, “mata”. Considero o fato de que, por ser um discurso de humor, o meme se alicerça numa espécie de crítica velada a fatos do mundo, uma espécie de minimização dessas sanções que o discurso em si impõe.

Vejamos outra publicação, feita na página Malaco Intelectual, na qual a conjunção de saberes e sabores se insere num diálogo com um padrão global de consumo de refrigerantes. No meme da figura 29, a alusão à campanha publicitária da marca Coca-Cola revela um lugar de discurso sobre o Pará em que se atualiza o valor de uma marca regional por meio da figura do cantor e compositor paraense Wanderlei Andrade.



Figura 29: Meme sobre o refrigerante “Baré” na página Malaco Intelectual

Na figura 29, a marca de refrigerantes regional assume o lugar da marca global, marcando seu lugar de enunciação como igualitário, tem o mesmo valor para a cultura e história paraense. Há um diálogo entre o global e o local, pondo em cena duas normas de consumo que passam a equivaler. Isso é ratificado pela constituição verbal e visual do meme, que busca na campanha nacional da marca um referênciade constituição.

Essa referência visual é, na perspectiva de Courtine (2010), em conjunto com o conceito de interdiscurso, elaborado por Pêcheux (1997) que afirma:

[...] o interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como sujeito falante. (PÊCHEUX, 1997, p. 167).

Nesse sentido, Courtine entende que, da mesma forma que os discursos, as imagens são capazes de construir relações de conexão, de retomada, de releitura. Há uma espécie de interioridade da imagem que a projeta como o interdiscurso de Pêcheux. Portanto, Courtine sinaliza que é importante compreender o interdiscurso para compreender essa relação do interior das imagens, a intericonicidade, já que as imagens se apresentam de modo transversal, como se fizessem referência ao exterior e ao próprio interior. “Trata-se, portanto, de uma interioridade determinada pelo exterior do discurso, que será modificada e ampliada por Courtine na continuidade de suas pesquisas.” (MILANEZ 2013, p. 346).



28

Figura 30: Embalagens de refrigerantes da marca Coca-Cola

²⁸ Fonte: <http://www.b9.com.br>

O que se pode afirmar é que o estabelecimento dessa ordem se dá por meio de uma referência, um retorno, uma autorização da própria hegemonia da marca global. É o discurso dessa marca que faz emergir o discurso da marca local. A lata de refrigerante da figura 29 retoma a da figura 30 e institui uma nova ordem, local, que padroniza, normaliza e legitima esse sabor regional, por meio de uma figura tipicamente paraense.

Um princípio de descontinuidade: o fato de haver sistemas de rarefação não quer dizer que por baixo deles e para além deles reine um grande discurso ilimitado, contínuo e silencioso que fosse por eles reprimido e recalçado e que nós tivéssemos por missão descobrir restituindo-lhe, enfim a palavra. (FOUCAULT, 2014, p. 49)

Isso explica o fato de o dispositivo poder ser considerado aberto, flexível, uma vez que ele próprio permite a introdução de novas ordens, mesmo que controladas. Permitindo uma descontinuidade desse lugar de poder assumir pelo discurso hegemônico de consumo.

A análise aqui proposta revela que o terreno movediço do discurso guarda não apenas formas de dizer, mas condições históricas que permitem a emergência ou não de determinados enunciados. Numa rede de relações de poder e saber, o discurso é constituído de marcas subjetivas que colocam tais sujeitos em uma ordem institucional, seja política, midiática, publicitária, etc. O que busco analisar é a delimitação de um regime de poder enunciado em memes, publicados por páginas no Facebook, que circulam abertamente e dialogam com a cultura e com a história do Pará, mais especificamente de Belém.

Não aleatoriamente, valendo-se desse elemento regional, os memes se inserem nessa comunicação moderna, como forma de integrar um novo lugar midiático do dizer e ser. A modernidade aqui não é apenas um aspecto tecnológico, cultural, é também uma busca pelo poder.

As Américas são conhecidas ideologicamente e politicamente como o “novo mundo” e estes continentes, mais do que qualquer tecnologia, são a grande “invenção” da modernidade. O moderno, no entanto, não se impõe sem luta e esta luta não é contra o “antigo” ou contra as “tradições”, mas sim uma luta pelo poder, uma batalha para desautorizar saberes e eleger outros sob o pretexto de uma lógica, legitimada por instituições e pessoas, uma luta pela subjetivação dos sujeitos, suas práticas e seu próprio corpo. (NEVES, 2015, p. 31)

Dessa forma, o discurso produzido pelos memes que constroem essa subjetividade paraense são uma forma de resistência à ordem institucionalizada global e nacionalmente. São formas de apropriação de um discurso que circula de forma a deslegitimar outras formas de saber, instituindo uma ordem própria, no entanto, urge compreender que esses saberes deslegitimados também são formas de saber, de pensar e que se constituem como formas de poder, e que também desautorizam e deslegitimam. É um complexo sistema que se

retroalimenta, envolvendo relações muito sutis de poder que se articulam por diversas práticas sociais.

2.8. O corpo como inscrição heterotópica

Aqui, tomamos os memes como enunciados complexos, entendendo-os como esse conjunto publicado junto aos comentários, uma vez que é esse todo que ratifica a imagem do corpo como visível na web. Ao ser curtido, o meme é autorizado como parte de um conjunto de práticas sociais que ensejam a participação dos sujeitos na internet. Não obstante, esse conjunto discursiviza a heterotopia étnica, social e cultural que é a capital do Pará.

Alicerça-se um discurso sobre essa múltipla Belém em que a periferia aparece. Nesse caso, a reiteração de que a marginalização é um fator recorrente nas periferias da cidade, em contraste com o recato de um bairro do centro, não apenas geográfico, mas também socioeconômico.

Não resta dúvida, no entanto, que os moradores da periferia, espalhados pelos subúrbios e pelas 39 ilhas, de alguma forma, estão profundamente envolvidos com a memória dos povos indígenas chacinados pelos primeiros portugueses e seus herdeiros, ou ainda aos que foram incorporados, junto com os afrodescendentes e mais tarde com grandes levas de migrantes nordestinos, à população pobre da cidade. (NEVES, 2015, p. 17).

Essa periferia é apagada em virtude de ser um lado não europeu, não colonizador. Quando não é apagada, é visibilizada pelo discurso de que sua marginalização é um fato, marcado pelo cenário e no corpo. Essa coexistência, de um corpo visibilizado e marginalizado é a marca permanente de uma colonização ininterrupta, ainda alicerçada em padrões estéticos vigentes. Essa descontinuidade da qual fala Foucault (2012) projeta a percepção de que há uma rede de memória sobre a pluralidade étnica da cidade de Belém (NEVES, 2015, p.17).

A primeira postagem é um meme colocado em circulação na página *Paraenses no Desespero*, no dia 26 de agosto de 2017, com 161.562 curtidas, uma das mais populares sobre a temática paraense. Esta publicação foi feita dia 9 de março de 2017 e exemplifica como os corpos são construídos discursivamente nesse ambiente. Nela podemos ver duas mulheres jovens, que vivem em realidades diferentes, tanto pelo entorno da imagem da segunda, como por seus corpos, que enunciam de diferentes lugares sociais.



Figura 31: Meme da página Paraenses no Desespero

A forma com são apresentadas neste meme deixa transparecer a Belém heterotópica. O centro, com sua pele branca, com um ângulo que lhe assegura o corpo guardado pela roupa trazida pela cultura europeia, que interdito a natureza desnuda do indígena encontrado aqui. Já a periferia exhibe o corpo da mulher negra, na rua não asfaltada, com construções simples e uma arma de fogo na mão.

Não por acaso, os enunciados verbais “Nazaré”, um dos bairros mais ricos da cidade, e “Terra-Firme”, um dos bairros mais pobres, encontram-se em diferentes linhas de leitura junto à imagem. Assim como os corpos, eles também estabelecem o discurso da diferença social entre as jovens perante as condições de Belém. A cidade múltipla não opõe geograficamente as duas, ao contrário, cria condições muitas vezes complementares para que estejam nela, em bairros diferentes, em condições sociais diferentes. “As cidades não são apenas um limite geográfico, ou uma organização política definida, mas sim complexos processos históricos e culturais sempre inconclusos” (NEVES, 2015, p. 3).

São corpos cuja construção na *web* carrega valores históricos. E essa mesma história toma a capacidade de ser reproduzida e transmitida. Nesse sentido, tomamos os memes como enunciados, uma vez que para Foucault (2012), o enunciado é visto como um conjunto de signos capaz de se referir a um objeto, a um sujeito, capaz de se relacionar com outras formulações e

de ser repetível (CASTRO, 2016). Diante dessa perspectiva, a periferia de Belém tem sua visibilidade atravessada por um conjunto de fatores históricos de marginalização construídos para além de limites espaciais, pois é a conjuntura histórica da formação da capital paraense que viabiliza a constituição das áreas periféricas, como o do bairro da Terra-Firme.

As periferias constituem-se como espaços sociais de segregação/exclusão social no Brasil e no mundo. Geograficamente, um espaço que se distancia do espaço central das cidades, entre as cidades e entre países (das cidades e países periféricos na ordem capitalista mundial), também conglomeram populações segregadas e excluídas pela classe social, pela raça, por seu registro linguístico e seus hábitos e produções culturais, entre outros caracteres. (PAULA; PAULA, 2011, p. 115).

Esse corpo periferizado é entendido como não pertencente à sociedade, está fora do alcance do poder público, é recriminado em sua existência e em sua constituição. Assemelha-se à heterotopia de crise pensada por Foucault.

Foucault arrisca-se a definir dois tipos de heterotopias, sem entretanto separá-las definitivamente, já que podem se justapor uma à outra. Primeiramente, há aquelas que constituem-se como lugares de crise pois estão reservadas a sujeitos que se encontram, em relação à sociedade, em um lugar fora dos lugares mas que é delimitado no tempo. (GREGOLIN, 2015, p. 199).

O corpo enquanto discurso é observado a partir de sua negação ao lugar da elite, o meme legitima os espaços físicos onde podem circular ou não certas sujeitas, nesse caso, mulheres que representam a imagem da beleza a ser comparada, dentro de padrões estéticos que privilegiam uma eugenia social, dotada da capacidade de segregar e criminalizar a periferia por meio do feminino. A concordância dos sujeitos da *web* com essa inscrição histórica dos corpos é verificada nos comentários a seguir, em que ficam claros posicionamentos acerca do conteúdo enunciado pelo meme.



Figura 32: Comentários no meme da figura 31

A figura 32 revela a aceitação dos sujeitos acerca do conteúdo, não apenas por parte de um morador de Belém, mas de pertencentes ao próprio bairro da periferia de Belém sinalizado no meme TF abrevia Terra Firme. Os efeitos de riso por meio dos *emojis*²⁹ ou da expressão “ashuashu” indicam a sensação de pertencimento a uma dada realidade, na qual os corpos desses sujeitos estão inseridos. Do ponto de vista interativo, são os comentários que marcam a presença desses sujeitos na publicação.

Os comentários funcionam como uma forma de construir seus corpos e indicar sua presença de fato na circulação dessas informações na web. “Assim, ao pensarmos a WEB como hiper-heterotopia da sociedade atual, nos damos conta, com Foucault, que o corpo experimenta, hoje, lugares que são completamente abertos ao mundo exterior, ao qual a maioria de nós tem acesso.” (GREGOLIN, 2015, p. 212).

²⁹ Recursos visuais que indicam expressões faciais de reações dos usuários do Facebook diante de uma publicação.



M0nt4g3ns B3l3m
@M0nt4g3nsB3l3m

meninas que fala salinas ///
meninas que fala mosqueiro



M0nt4g3ns b3l3m

Página criada em 20 de julho de 2016

548

21 comentários 52 compartilhamentos

Curir Comentar Compartilhar

Mais relevantes

O comentário foi ocultado.

Exibir Dar feedback ou denunciar um comentário

Quería ver as meninas que falam no plural correto

Curir Responder 2 a

42

1 resposta

Quero nem ver quem são as que falam Outeiro kkkk

Curir Responder 2 a

11

Imagina as que falam "otero"...

Curir Responder 2 a

7

Escreva um comentário...

Figura 33: Meme da página M0nt4g3ns b3l3m

Em outra página, M0nt4g3ns b3l3m, encontramos novamente enunciados que indicam a regularidade da visão sobre os corpos do centro e da periferia. A visibilidade dada ao corpo da periferia é tomada por um ângulo que deixa entrever uma parede não terminada, com cimento e tijolos à mostra, indícios de uma construção inacabada. Neste lugar, o corpo da mulher negra, com corpo semicoberto, com a tonalidade de cabelos irregular. Ao seu lado, a mulher, em um espaço que parece ser um quarto, branca, coberta, segurando um telefone celular, cuja marca indica seu alto custo comercial.

O corpo em sua localização (espaço histórico-social) determina sentidos, posições discursivas, funcionando como *espessura material significante*. Uma espessura material que é estrutural, simbólica e imaginariamente constituída como linguagem. O corpo, em sua visibilidade, posiciona discursivamente o sujeito, sobredefinindo seu dizer, direcionando os sentidos e determinando as formas de relação inter-pessoal. Compreendido como espessura material significante, o corpo é a forma, o espaço e o texto nos quais o sujeito se simboliza, se representa e é representado, é a linguagem em toda sua força constitutiva no sujeito, em seus aspectos de opacidade, de contradição, de equívocidade. (HASHIGUTI, 2008, 71)

Exibição de corpos que percorrem sentidos históricos desiguais associados a uma geografia excludente. Salinas e Mosqueiro são balneários voltados para sujeitos diferenciados. A elite, com seus carros, invade a areia da praia de água salgada do Nordeste paraense, distante 220km da capital, Salinópolis é o município. Por outro lado, Mosqueiro é a ilha repleta de praias

em que a acessibilidade é mais fácil, com ônibus urbanos a 70km de distância e a preços mais populares.

Ao produzirem esses corpos, os discursos dos memes legitimam esse dispositivo colonial que até hoje exerce poder sobre a cidade de Belém. O discurso das redes sociais oportunizou a visibilidade da periferia ao mesmo tempo em que contribui para que se reforcem sua heterotópica exclusão em Belém. São sujeitos tomados como um não lugar, eles estão fora do reconhecimento social, do poder público e de seus benefícios. A cidade é invadida por um processo de marginalização histórico em que, passivamente, aceitava-se a morte ou a subserviência.

Nos comentários, aparece outro balneário, Outeiro. É uma ilha que fica 18 km distante do centro de Belém e é ligada ao distrito belenense de Icoaraci. Também conhecido como Ilha de Caratateua, Outeiro se tornou um balneário muito visitado pelo público da região, um distrito caracterizado pela distância não só geográfica, mas também econômica do centro da capital, o que aproxima seu público daquele que frequenta Mosqueiro.



Figura 34: Comentários sobre o meme da página M0nt4g3ns b313m

Ao discurso é associado o valor do poder que é instituído pela língua. Exige-se a marcação do plural, em conformidade com o padrão europeu da Língua Portuguesa, seja com

marcação do plural “Queria ver as meninas que falam no plural correto”, seja na exigência da pronúncia do ditongo “Imagina as que falam “Otero””. “Em meio a estes processos, cria-se uma ficção sobre os usos das línguas europeias, que se impõem como as únicas referências linguísticas possíveis” (NEVES, 2015, p. 29).

O corpo, em sua constituição física, social, histórica e linguística é colocado como indicador de colonização. O poder instituído pela língua de padrão europeu legitima a alocação do corpo à mostra da periferia, no espaço inacabado, que carrega o símbolo cristão da cruz. Este corpo está devidamente marcado pela segregação e manipulação histórica que o processo de colonização ensejou ao longo desses séculos, numa história ininterrupta, descontínua, uma vez que ainda está presente por meio desses traços mínimos de poder.

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo. (FOUCAULT, 2015, p. 65)

São os valores históricos dessa narrativa de colonização que se mantem firmes na consolidação desse conjunto de pensamentos sobre a cidade, sua fundação, seus sujeitos e suas práticas. A *web* oportuniza o acesso a diferentes cidades de Belém do Pará, podendo abrir espaço para discursos que estavam silenciados numa periferia produtiva culturalmente, ou mesmo tornar mais visíveis ainda aqueles que constituem um imaginário de pobreza, criminalidade e distância social do restante da cidade.

Jenkins (2009, p. 28), em seu estudo sobre a cultura da convergência, afirma que a inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático, com grande potencial para a mobilização social. A mídia digital potencializa essa possibilidade de agenciamento político e de crítica, pois permite que um texto ou imagem seja compartilhado entre milhões de pessoas. (GREGOLIN, 2015, p. 202).

Os corpos discursivizam formas de verdade sobre o centro e a periferia por meio da manutenção de imagens sociais. Os memes visualizados constroem esses corpos e marcam lugares históricos dos sujeitos que constituem a cidade de Belém e suas heterotopias. Na grande *web* são visibilizados corpos que deixam entrever a dualidade entre duas cidades, a de centro e a da periferia, nas quais os corpos constituem-se de memórias distintas. O corpo branco, vestido é aquele que está “guardado”, não exposto em sua totalidade. Revela-se a ideia de que a visibilidade do centro é construída por meio de um padrão de beleza e comportamento mais

recatado. Adentra um espaço privativo, protegido da violência da rua e carrega consigo até mesmo artefatos símbolo de poder financeiro. Além disso, seu lugar está reservado ao bairro de Nazaré e ao balneário de Salinas, parte de um arquivo discursivo (FOUCAULT, 2012) que arregimenta os lugares destinados à elite herdeira da colonização.

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; ele é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas. (FOUCAULT, 2012, p. 158).

Por outro lado, o corpo negro é bem mais exposto e dá indicações de que a exposição na periferia é comum. Além disso, reitera-se a imagem da mulher como imagem da sensualidade, com corpos em exibição. Seu espaço, quando não é o da rua não asfaltada em que o poder público se ausenta historicamente no que diz respeito à assistência, é o de uma parede com cimento e tijolos à vista, o indício de uma economia deficitária que não permite a finalização de uma construção. O corpo da periferia, munido de uma arma de fogo, finca a subjetivação da criminalidade instituída na periferia, uma herança imposta aos colonizados pelo poder do colonizador.

O discurso é produzido por enunciados visuais e verbais que instituem uma antagonização entre as mulheres, por meio de signos sociais que ensejam a leitura sobre o que é ser centro e ser periferia em Belém. Diferença que está além da delimitação geográfica da cidade, mas de uma história que dividiu colonizados e colonizadores, suas etnias, seus corpos, seus discursos.

Essa divisão continua sua visibilidade e manutenção por meio dos memes que circulam na web, em redes sociais como o Facebook. As páginas que foram analisadas remetem ao discurso segregador entre o centro e a periferia, marcando os lugares aos quais os corpos estão vinculados historicamente. A visibilidade permitida pela *web*, ao mesmo tempo em que oportuniza condições para que a voz da periferia seja ouvida, reitera a imagem marginalizada construída desde o início do processo de colonização da cidade de Belém.

Esta discussão, agora promovida na internet, também deveria nortear nossos trabalhos de sala de aula e já que nossos alunos estão tão conectados em seus smartphones, seria bastante produtivo levar os memes para as salas de aula, considerar suas perspectivas

contextuais, discursivas, críticas, de linguagens em cooperação e suas possibilidades de discussão sociocultural. Sabemos que os discursos da periferia, bastante invisibilizados pelas mídias corporativas não recebem tratamento diferente nos livros didáticos. Nossas práticas discursivas ainda bastante embaladas pela colonização estão presentes nas mídias, nas escolas, nas conversas cotidianas, mas não podemos desconsiderar que desde o início da colonização, sempre encontraram brechas no discurso hegemônico e os memes também representam este outro espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

EM BUSCA DAS SUBJETIVIDADES DESCONTÍNUAS

Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram. (FOUCAULT, 2015, p. 55).

Ao considerar os memes como enunciados, desafiei a uma lógica interna inicial que se cristalizou pelo pensamento estruturalista: o de que texto, enunciado e discurso assumiam formas verbais. Unicamente. Enveredar pelas discontinuidades da Análise do Discurso me disponibilizou ter acesso a um conjunto único de instrumentos de verticalização analítica. Desde então, me dispus a compreender o fenômeno atual do meme como parte desse regime de dizer *online*. A tarefa não foi das mais fáceis, mas passo a uma, possível, atenta circunscrição de resultados que me permitem, nessa minha atualidade, conceituar a Subjetividade, tomando como ponto de partida, como fio lógico, esse aparato analítico exposto ao longo do trabalho.

Encontro na ideia de subjetividade a construção, nunca o dado, mas o irrepitível, o atualizado. “Quem somos nós” é um enunciado complexo, pois, do ponto de vista fundamentado a partir de Foucault, o ser é passageiro, foi um, é outro, será outro além. O nosso pertencimento como paraenses nos instiga a legitimar e a rechaçar certos enunciados, provocados por esse jogo discursivo que institui poderes e saberes sobre nós mesmo, “nós” porque sou de Belém. Pertencço ao grupo descrito, ao mesmo tempo em que não pertencço, pois os traços nos singularizam, as práticas nos dividem, o estar nos desenha, o ser nos identifica.

Os memes atualizam o presente histórico pois circulam na efemeridade do dizer e permanecerão, talvez, nos arquivos digitais que construímos sobre nós e sobre os outros. Ao serem publicados, os memes realizam a tarefa de buscar a saciedade da publicização, do que dispõe em rede para ser curtido, comentado e compartilhado e do que se vê como parte daquele jogo instante de enunciação.

Por subjetividade, compreendo nessas análises a constituição dos agentes em sociedade, que acumulam relações de diferentes ordens, de diferentes hierarquias, de diferentes lugares, de diferentes intenções, etc. A produção das subjetividades é da ordem da arqueologia do saber, uma vez que nos permite vislumbrar esse sujeito como integrante de um conjunto de saberes

produzidos pelas sociedade sobre si próprio e sobre os outros, tendo ou não a consciência de que esse jogo de saberes é também um jogo de verdades.

Por outro lado, a produção de subjetividade é da ordem da genealogia do poder, que se instaura por meio de tessituras muito sutis, às vezes micro, no corpo desse sujeito, que se disciplina e é controlado e se controla em sociedade. Logo, a subjetividade é um movimento contínuo dentro da descontinuidade dessa história, sob certas condições, somos ou estamos no hoje, inscritos na história, na micro história, dentro de micro narrativas discursivas que ensejam discursos sobre nós mesmo, a partir de um poder que está além do sujeito, está institucionalizado, normatizado como modelo de conduta, para os quais ainda temos poucas ferramentas para compreender, conforme assinala Foucault: “O único recurso que temos são os modos de pensar o poder com base nos modelos legais. Isto é: o que legitima o poder? Ou então, modos de pensar o poder de acordo com um modelo institucional, isto é: o que é o Estado?” (1995, p. 231).

Especificamente, essa ideia se dá a partir da percepção dos diferentes sujeitos construídos nos memes analisados, os quais são determinados no tempo e no espaço como parte fundamental da concretização dos discursos como práticas subjetivas. Somos subjetivados pela forma única de consumir açaí, pelo modo como acreditamos ser detentores do saber, da verdade sobre seu consumo regional. Tomamos assim, poderes sobre a autoridade desse consumo, pois pertencemos à cultura “originária” do açaí. Raízes essas fincadas na cultura indígena, muitas vezes negligenciada como parte fundamental de nossa constituição histórica. Pertencemos à cultura do consumo do açaí, mas não pertencemos à cultura do seu cultivo, produzida pelas culturas indígenas. Instaura-se assim um processo limítrofe de reconhecimento, a subjetividade paraense autoriza o sujeito a normatizar seu consumo, ao mesmo tempo em que silencia suas raízes de cultivo. O saber legitima o poder sobre como consumir e faz o mesmo em relação aos modos de silenciamento daqueles que o cultivavam há muito tempo, unicamente pelo fato de esse sujeito se inscrever dentro de uma ordem europeia de cultura. Portanto, há limites dessa subjetividade, ser e não ser ao mesmo tempo, a partir do mesmo enunciado, o “açaí”.

A construção histórica de Belém atravessa diferentes linhas discursivas, nega-se a priori a raiz indígena, para legitimar a cultura europeia como gênese. As condições climáticas de calor e chuva não podem ser negadas, estão aqui, nos diferenciam do resto do país, mas a vontade de poder ser europeu se coloca diante da simbologia clássica de Belém enquanto Europa na Amazônia, desde a *belle époque* e seu afrancesamento, até a arquitetura portuguesa vigente e imponente pelo símbolo-mor dessa raiz colonial, o mercado de ferro do Ver-o-peso. A

subjetividade é produzida pela europeização do paraense, falar de sua raiz é enaltecer seu colonizador, seus feitos, suas marcas de poder e dominação como uma Síndrome de Estocolmo atualizada na Amazônia, que silencia a cabanagem em favor dos colonizadores europeus. Essa subjetividade emerge, como um conflito colonial entre o ser e o estar construído. Essa análise não toma

...como referência nem um sujeito individual, nem alguma coisa semelhante a uma consciência coletiva, nem uma subjetividade transcendental; mas que seja descrito como um campo anônimo cuja configuração define o lugar possível dos sujeitos falantes. Não é mais preciso situar os enunciados em relação a uma subjetividade soberana, mas reconhecer, nas diferentes formas da subjetividade que fala, efeitos próprios do campo enunciativo. (FOUCAULT, 2012, p. 149).

São esses posicionamentos, muitas vezes conflitantes, que demarcam a constituição das subjetividades, nossas pluralidades, nossos saberes e nossas formas, voluntárias ou não, de exercer o poder sobre nós e sobre os outros. A escolha soberana por uma subjetividade é determinada por um campo enunciativo situado num presente histórico, movente e descontínuo, pois se a história é descontínua, o próprio presente também o é.

Nossa flexibilidade subjetiva no presente é marcada por traços contínuos de heterotopia, somos lugares distintos de um pertencimento plural. Ao se dizer paraense, imergimos em uma série de enunciados que se alocam sob nós e que afirmam como verdade ser torcedor ou de Remo ou de Paysandu. No entanto, a identidade não é estática, ela não pertence a um lugar único, ela transita de forma contínua pelos círculos sociais e culturais que permitem ao paraense construir sua identidade nas demais regiões do Brasil, ao ser admirador e torcedor de times de outros estados. O valor histórico da traição ganha contornos muito típicos ao se associar a prática do adultério a uma normalização da paixão pelo futebol, uma associação que nos coloca dentro de uma perspectiva de poder social que legitima um lugar para o homem e um lugar para a mulher. Sujeitos construídos para além de um sexo biológico, mas produzidos por discursos que autorizam e desautorizam um e outro. O corpo é escrito pela história, junto com seus poderes.

E é por isto precisamente que em cada momento da história a dominação se fixa em um ritual; ela impõe obrigações e direitos; ela constitui cuidadosos procedimentos. Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e até nos corpos; ela se torna responsável pelas dívidas. (FOUCAULT, 2015, p. 68).

Da mesma forma como o corpo é regrado pelo comportamentos, a nossa subjetividade atravessa o pertencimento a uma dietética, uma ética do corpo que se alinha a práticas alimentares muito específicas que pertencem de forma incontestável às raízes indígenas, que busca, nesse acontecimento discursivo, legitimar uma prática que ora se orientada para o

regional, ora se orienta para o europeu. A ceia de natal ainda existe, é marca da cultura ocidental cristã, constitutiva inconscientemente de nossos valores e normas sociais, mas que se atualiza por meio de elementos regionais, somos subjetivados pelo que ingerimos, nossa dieta ética promove o encontro com nossas raízes, embora estejam silenciadas, não se assume o pertencimento indígena, mas o pertencimento paraense. A escolha é simples, a troca sutil, os efeitos são segregadores e supremacistas. O colonialismo interno exerce sua força e reforça o Pará como lugar de fala e silencia o indígena nessa construção. “A dietética aparece, segundo essa gênese, como uma espécie de medicina para os tempos de devassidão; ela era destinada às existências mal conduzidas e que buscam prolongar-se.” (FOUCAULT, 2007, p. 91). A devassidão aproxima-se da conduta europeia, da aceitação tradicional da prática alimentar que deixa de lado os sabores regionais em favor de outro europeu.

O Malaco é o ponto fundamental dessa subjetividade, ele contorna o imaginário e permite assimilar práticas não legalizadas, mas isso dentro de um discurso que o enquadra como parte da marginalização social. Estamos diante do saber que empodera, o outro, o não Malaco, uma vez que sua visibilidade é marcada pelo mundo do crime, midiaticizado como “anormal”, às margens da conduta aceita. No entanto, ele é integrante de um grupo específico que se legitima como tal a partir de práticas muito particulares, se antagoniza ao playboy e flui, heterotopicamente, como o jovem típico da periferia e o perigo do centro. Um sujeito marcado pela pluralidade dessa história, cujos traços estão delineados na cor da pele, na moradia, nos gostos e práticas culturais. Um sujeito movente no imaginário de Belém e que representa de forma determinante todo um conjunto histórico de apropriação de poderes. Claro, um poder midiaticizado, um poder de centro, que delega aos que estão fora de si, uma subalternização. No entanto essa subalternização é contestada, é trazida ao livros, à intelectualidade, flui para o bem, em nítido contraste com as imposições históricas da colonização. Um sujeito singular em sua pluralidade e de traços descontínuos na história. Uma subjetividade instituída pelo jogo de poder entre ser da periferia e ser do centro, o espaço diferencia, a cor segrega, o pertencimento exclui. A marcação “positiva” dos termos constituintes dos nomes das páginas “Intelectual” e “do bem” são formas que reiteram esse conflito social da subjetividade do Malaco, pois a seleção desse termos leva a considerar a busca pelo silenciamento de outras que compõem o imaginário da elite local, há, portanto, uma resistência ao Malaco não intelectual, ao Malaco que é do mal. Então, a afirmação positiva dessubjetivadora retoma de alguma forma o imaginário, a memória desse sujeito é tensionada como algo negativo em Belém.

Entre os saberes, o conflito entre o científico e o não científico toma formas a partir do diálogo de autorização entre o que é “legal” e o que “não é legal”. A mídia, a ciência impõem formas históricas de crenças e valores e “empurram” para as margens as formas tradicionais de saberes. Como num movimento de resistência, o meme provoca e enaltece essa dualidade de saber, colocando a figura paraense como legítima conhecedora da região e de seus traços climáticas, o saber científico agora dá lugar à subjetividade da experiência, da observações cotidianas e subjetiva a prática paraense de olhar para o céu e dizer “vai chover”. Traço típico de uma região em que as chuvas são parte de nossa constituição, de nossa gênese, de nosso “surgimento”.

Aqui se inscrevem subjetividades cada vez mais regionais, mais próximas dos saberes locais que se rebelam e resistem à uma soberania midiática e científica, “onde há poder, há resistência”, mas “onde há saber, há saberes”. Dona Onete é figura típica do Pará, que levou a cultura do carimbó além dos muros de nosso Estado, figura então como sujeita que pertence, legítima e identifica a todos que aqui se inscrevem historicamente, é parte daqui, de si e de nós. A figura paraense é regular, Joelma encena o lugar de fala do paraense que nega a qualquer custo outro modo de consumir o típico açaí regional. Açaí com granola não “pode matar”, “mata”, uma assertiva que institui ao sujeito enunciador o saber legítimo que o autoriza a designar efeitos sobre um consumo diferente do feito no Pará. Nesse presente é o paraense que resiste a uma prática quase ofensiva, que sai da ordem, que nega sua raiz, que descaracteriza uma prática, quase uma “dessubjetivação” do açaí. Há um “açaí de verdade”, o outro é falso, e é nesse jogo de poder que nos legitimamos, que nos confirmamos, que nos subjetivamos como paraenses, por esse conjunto de práticas que nos impõem autoridade para dizer “pode” e “não pode”, um mesmo valor de etnocentrismo dualista que renega as origens do açaí e nega outros consumos “estrangeiros”.

A regularidade do pertencimento está no refrigerante, no cantor paraense de brega que se coloca como emblemático do consumo. Aqui há um reforço extraordinário para o pertencimento do sujeito que interage, sou eu, paraense, no açaí, na previsão do tempo, no refrigerante. Meus traços, minhas práticas, meus costumes, são instituídos e regularmente dispersos, encontramos identificação, são a nossa história falando sobre si e sobre nós, num fluir descontínuo da cultura e da subjetividade paraense. Romper essa identidade é sofrer, quebrar a marca que a legítima é cruel e desencadeia o mascaramento de outras formas de pertencer e de se subjetivar.

... o sacrifício do sujeito de conhecimento. Aparentemente, ou melhor, segundo a máscara que ela usa, a consciência histórica é neutra, despojada de toda paixão, apenas

obstinada com a verdade. Mas se ela se interroga e se de uma maneira mais geral interroga toda consciência científica em sua história, ela descobre, então, as formas e transformações da vontade de saber que é instinto, paixão, obstinação inquisidora, refinamento cruel, maldade; ela descobre a violência das opiniões preconcebidas: contra a felicidade ignorante, contra as ilusões vigorosas através das quais a humanidade se protege, opiniões preconcebidas com relação a tudo aquilo que há de perigoso na pesquisa e de inquietante na descoberta. (FOUCAULT, 2015, pp. 83-84)

Tanta diversidade se anuncia pela comparação, os corpos alinhados ao discurso dos bairros de Belém demonstram a capacidade de se narrarem duas cidades distintas, resultantes desse ininterrupto processo de atualização colonial. Morar no bairro é apenas um detalhe, seu pertencimento é parte de uma construção histórica que legitima a exclusão ou não desses sujeitos, ou dessas sujeitas, mulheres que exibidas pelos seus corpos apresentam a enunciação do centro e da periferia. Os corpos de “Nazaré” e “Terra Firme” se antagonizam não apenas financeira e culturalmente, mas também discursivamente, pois constituem lugares históricos singulares e de como isso se transfigura na cor da pele, nos gestual, no posicionamento, nos objetos em cena, nos espaços físicos de contextualização. Duas mulheres, duas cenas, duas micro histórias que, possivelmente, nada tem a ver com os bairros em suas construções, mas que foram selecionadas a partir de um olhar que registra, que memoriza, que atualiza um série de ditos e não ditos acerca do que é ser mulher, ser de Belém, ser de um bairro ou de outro. O funcionamento desse discurso põe aos olhos a fragmentação dessa história descontínua, que marca as visibilidades dessas subjetividades.

Nessas territorialidades do pertencimento, Belém se desdobra em suas formas de diversão, seus sujeitos se constituem a partir de suas frequências a certos espaços divisores e segregadores, pois “Salinas” e “Mosqueiro” surgem como referências a relações de poder, criando um divisor social, cultural e interno nesse processo de colonização. Ser paraense é ter a oportunidade de frequentar tanto um lugar quanto outro, no entanto, as condições históricas desautorizam umas e autorizam outras. As “meninas que fala” são determinadas pela cor da pele, pelos celulares que portam, pela roupa que esconde ou mostra o corpo, uma segregação que atravessa o lugar mínimo do discurso, o corpo histórico que atualiza a colonialidade e aponta para diferentes formas de falar, um processo de eugenia discursiva que contribui para que se projetem diferentes sujeitos a partir de seus corpos e de seus lugares.

É nesse lugar histórico, colonizado, periférico e elitizado que me disponho a pensar a subjetividade, num conflituoso jogo de fraturas discursivas, sou o belenense pesquisador e o pesquisador belenense, que transita entre suas próprias subjetividades para tentar compreender

o que é este complexo conceito. Nessas enunciações, encontrei regularidades que me remontam a uma ideia de que buscar a arqueologia desses memes

... é revelar a regularidade de uma prática discursiva que é exercida, do mesmo modo, por todos os seus sucessores menos originais, ou por alguns de seus predecessores; prática que dá conta, na própria obra, não apenas das afirmações mais originais (e com as quais ninguém sonhara antes deles), mas das que eles retomaram, até recopiaram de seus predecessores. Uma descoberta não é menos regular, do ponto de vista enunciativo, do que o texto que a repete e a difunde. (FOUCAULT, 2012, p. 177)

Assim, encontro nos memes a regularidade do conflito, um incessante jogo de saberes e poderes que atualizam a demarcação a história dessa colonização europeia na Amazônia, mais especificamente, em Belém, a capital. São regulares as formas de adentrar o silenciamento de práticas singulares à cidade e aos seus sujeitos, são regulares as condições em que se visibilizam discursos e em que se silenciam outros. Esse sujeito atualizado nos memes é fruto dessa concentração de poder e suas inerentes resistências. A presença enunciada ou não dessa marca política se restitui na seleção das imagens e das palavras, dos gestos, das cores, do espaço em que circulam e proliferam em telas digitais desses mesmo sujeitos que, ao reconhecerem, tem a permissão digital de se reconhecer, negar ou concordar.

O conflito é a marca inerente dessas subjetividades, que ora legitimam, ora silenciam. Este silenciamento marca a estratégia típica de manutenção desse poder e desse saber que simbolizam lutas, histórias, identidades, pertencimentos e um colonialismo interno vigente e micro instalados em suas formas mais capilares. Da memória ativa do mercado de ferro à mulher negra orientada como pertencente à periferia da cidade, percorremos traços significativos que demarcam lugares sociais que não são fruto de uma escolha pessoal, mas uma narrativa incessante de atravessamentos discursivizados.

Sob outro ângulo, esses discursos não são iguais, emergem em instantes específicos, único, irrompem diante da capacidade de serem lidos e atualizados pela memória de nosso presente, pois somos capazes olhar para nós mesmos em diferentes situações. Suas marcas são singulares, mas também se traduzem como dispersas, pois

... as dispersões estudadas nos níveis precedentes não constituem simplesmente desvios, não-identidades, séries descontínuas, lacunas; podem chegar a formar subconjuntos discursivos - os mesmos aos quais, habitualmente, se dá uma importância maior, como se fossem a unidade imediata e a matéria-prima de que são feitos os conjuntos discursivos mais vastos... (FOUCAULT, 2012, p. 78)

É nas dispersões que se potencializam as individualidades do dizer, as formas enunciativas tem seus próprios traços e demarcam o estatuto de ação histórica, nunca dito,

nunca repetível e unidade imediata de sentido. As dispersões dos memes inovam os próprios conflitos, por sua centralidade nuclear se dissipa em diferentes enunciados, em diferentes imagens que tangenciam a novidade, o espetáculo único do presente. O corpo não é o mesmo, o bairro não é o mesmo, o lugar de enquadre do mercado de ferro não é o mesmo, o tipo de saber e de poder não é o mesmo. É com essa ininterrupta rede de novidades que não se esgotam as possibilidades de enunciar, pois não se esgotam as condições históricas dos acontecimentos.

Aqui, estreito minhas considerações para, tentar, dizer enfim: Quem somos nós hoje? Somos produto de um processo tecido por outros. O Eu de hoje não existe enquanto sujeito da história sem a ação de um Outro do passado e do presente, que arregimentou, criou condições para que Nós exercêssemos nossos posicionamentos históricos. À margem de toda a nossa volição, estão os atravessamentos inconscientes de que atualizamos as práticas históricas que subalternizam, silenciam, visibilizam certos lugares de discurso. No entanto, o Eu de hoje também agencia os próximos Outros, o próximo Eu, o próximo Nós, acabamos por pertencer a essa engrenagem histórica seletiva e, por vezes, excludente, mas que também resiste a investidas do poder e do saber. Em suma, a subjetividade é a constituição na micro história, ensejada pelo coletivo e reverberada também pelo individual, de cada um que participa e coopera para a atualização dos sistemas de saber e de poder, representando, assim, um dos filamentos de ininterrupto jogo que nos permite e nos faz pertencer à nossa própria história e também à do outro.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In Estética da criação verbal. 6ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BLACKMORE, Susan. **La máquina de los memes**. Vol. 25. Grupo Planeta (GBS), 2000.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHAGAS, Viktor et al. **A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014**. Intexto, n. 38, p. 173-196, 2017. <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT6-Chagas-et-al.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

COURTINE, Jean.-Jacques. **Discurso, história e arqueologia**. (Entrevista). In: MILANEZ, N.; GASPARI, N. R. (Ed.). A (des)ordem do discurso. São Paulo: Contexto, 2010. p. 17-30.

_____. **Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário**. PIOVEZANI, C; CURCINO, L; SARGENTINI, V. Discurso, semiologia e história. São Carlos: Claraluz, 2011.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DE PAULA, Luciane; DE PAULA, Sandra Leila. **No centro da periferia, a periferia no centro**. Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 107-121, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/13>. Acesso em: 28 mai. 2017.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

_____. **Outros Espaços**. In: Ditos & Escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411-422.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005. Aula de 7 de janeiro de 1976, p. 3-25.

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo; ROITMAN, Marcos. **De la sociologia del poder a la sociologia de la explotación: pensar America Latina en el siglo XXI**. e-libro, Corp., 2015.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Alfa, 1995, n. 39, pp. 13-21.

_____. **Análise do Discurso e mídia: a (re)produção das identidades**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, Vol. 4, N.11, 2007.

_____; BARONAS, R. **Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas**. In: Discurso, Semiologia e História. São Carlos: Claraluz, v. 1, p. 83-106, 2011.

_____. **Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na WEB**. In: FLORES, G.G.; NECKEL, N.R.F.; GALLO, S.M.L. (org). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas: Pontes, 2015, p. 191-213.

HASHIGUTI, Simone. **Corpo de Memória**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: “Que é o Iluminismo?”** (1784).

LEMOS, André. **Mídia locativa e territórios informacionais**. 2007. Disponível em: <<http://tinyurl.com/2ufsb38>>. Acesso em 15 ago. 2016.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais / Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MILANEZ, Nilton. **Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens**. In Acta Scientiarum. Language and Culture. Maringá: UEM, 2013. v. 35, n. 4, p. 345-355.

_____; PRATA, Vilmar. **Sujeito Digital. Espaço, corpo e vídeos de suicídio em uma cidadezinha qualquer**. MOARA. ISSN: 0104-0944, [S.l.], n. 43, p. 45-61, 2015. ISSN 0104-0944. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2635>. Acesso em: 13 out. 2018.

MIRANDA, Diogo Silva Miranda. **Palafitas Digitais: comunicação, convergência cultural e relações de poder em Afuá**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade Federal do Pará, 2014.

NEVES, Ivânia dos Santos. **A Invenção do Índio e as Narrativas Oraís Tupi**. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: Unicamp, 2009.

_____. **EtniCidades: os 400 anos de Belém e a presença indígena**. MOARA. ISSN: 0104-0944, [S.l.], n. 43, p. 26-44, 2015. ISSN 0104-0944.

Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2634/2776>. Acesso em: 29 mai. 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 1969.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. Revista Verso e Reverso, 2014, v.28, n.68, pp.117-127, ISSN 1806-6925. Disponível em: <http://tinyurl.com/zdzfydt>. Acesso em 26 mar. 2017.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: Conceitos essenciais**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlo: Claraluz, 2005.

ROSSINI, Vinicius Santucci. **Os manjadores entenderão: os conteúdos virais e a sociabilidade no ciberespaço**. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 14, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade**. In: _____. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006. Capítulo 7, p. 227 - 276. (Coleção para um novo senso comum; v. 4).

TOLEDO, Gustavo Leal. **Uma crítica à memética de Susan Blackmore**. Revista Aurora, v. 25, n. 36, jan-jun, 2013. p. 179-195.